UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO

MILHAS E MILHAS DISTANTE... UM ESTUDO SOBRE A SAÚDE DO TRABALHADOR MILITAR EMBARCADO EM NAVIOS OPERATIVOS DA MARINHA DO BRASIL

Ana Carolina Nascimento de Albuquerque Ramos

Dissertação de Mestrado

Salvador (Bahia), 2015

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária de Saúde, SIBI - UFBA.

R175 Ramos, Ana Carolina Nascimento de Albuquerque

Milhas e milhas distante...Um estudo sobre a Saúde do Trabalhador militar embarcado em navios operativos da Marinha do Brasil. / Ana Carolina Nascimento de Albuquerque Ramos. – Salvador, 2015.

85 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Gilvane Lopes Pena

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Medicina da Bahia, 2015.

1. Saúde.Marinha do Brasil. 2. Militares. 3. Marinha do Brasil. 4. Doença. 5. Confinamento 6. Vida Social. I. Pena, Paulo Gilvane Lopes Pena. II. Universidade Federal da Bahia. III. Título.

CDU 614

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO

MILHAS E MILHAS DISTANTE... UM ESTUDO SOBRE A SAÚDE DO TRABALHADOR MILITAR EMBARCADO EM NAVIOS OPERATIVOS DA MARINHA DO BRASIL

Ana Carolina Nascimento de Albuquerque Ramos

Professor-orientador: Paulo Gilvane Lopes Pena

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Saúde, Ambiente e Trabalho.

Salvador (Bahia), 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO

MILHAS E MILHAS DISTANTE... UM ESTUDO SOBRE A SAÚDE DO TRABALHADOR MILITAR EMBARCADO EM NAVIOS OPERATIVOS DA MARINHA DO BRASIL

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Marlene Silva – Bióloga, doutora em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, professora adjunto da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Fundação Bahiana para o Desenvolvimento das Ciências, professora credenciada e colaboradora do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia.

Prof. Dr. Ronaldo Ribeiro Jacobina - Médico Psiquiatra, doutor em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz - Rio de Janeiro, professor no programa de Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da UFBA e Professor Titular da Universidade Federal da Bahia.

Prof. Dr. Paulo Gilvane Lopes Pena (professor-orientador) – Médico, doutor em Sócio Economia do Desenvolvimento pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales em Paris e pós-doutor pela ENSP (Escola Nacional de Saúde Pública), professor associado do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

Salvador (Bahia), 2015

Canção do Marinheiro – Cisne Branco

"Qual cisne branco que em noite de lua
Vai deslizando num lago azul.
O meu navio também flutua
Nos verdes mares de Norte a Sul.

Linda galera que em noite apagada
Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada
Da Pátria minha em que tanto penso.

Qual linda garça que aí vai cortando os ares
Vai navegando

Sob um belo céu de anil
Minha galera

Também vai cortando os mares
Os verdes mares,

Os mares verdes do Brasil.

Quanta alegria nos traz a volta
À nossa Pátria do coração
Dada por finda a nossa derrota
Temos cumprido nossa missão".

(Composição: 1ºTen Antonio Manoel do Espírito Santo e
1ºTen Francisco Dias Ribeiro)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos protagonistas deste estudo, os marinheiros. A estes heróis anônimos meu eterno respeito e admiração.

FONTES DE FINACIAMENTO

Bolsa de Estudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

AGRADECIMENTO

Ao meu Deus pelo seu amor em minha vida.

A minha família e em especial aos meus pais, Celi Nascimento de Albuquerque Ramos e Leopoldo João de Albuquerque Ramos pelo apoio, incentivo e compreensão nas minhas jornadas profissionais e pessoais.

Ao professor Paulo Pena, por acreditar na proposta do projeto desde a minha chegada ao PPGSAT, pela orientação, incentivo e compreensão, ao longo do desenvolvimento desta dissertação.

À professora Maria do Carmo Soares de Freitas e Marlene Silva pelas contribuições relevantes realizadas com generosidade no meu exame de qualificação.

Aos colegas do mestrado, minha gratidão por partilharem alegrias, aflições, aprendizados e pela contribuição no campo multiprofissional.

Ao Capitão-de-Mar-e-Guerra Paulo Cezar Soares Pinheiro, Chefe do Estado Maior do Comando do Segundo Distrito Naval pela confiança e apoio, autorizando a realização desta pesquisa.

Aos militares entrevistados, por me permitirem entrar nas suas vidas e conhecer suas histórias, pela colaboração, disponibilidade e interesse demonstrado em participar deste estudo e pela oportunidade de viver essa experiência.

Aos Comandantes e Imediatos da Corveta Caboclo, do Navio Patrulha Gravataí e do Navio Varredor Araçatuba pela hospitalidade com que me receberam e pela cooperação demonstrada durante a realização da pesquisa.

À Solange Xavier e Marivalda Umbelino (Inha) pela amabilidade, atenção e incentivo ao longo destes 02 anos de mestrado.

A todos os professores do MSAT por contribuírem no meu processo de aprendizagem, em especial ao Professor Ronaldo Jacobina que aceitou participar da minha banca de defesa.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

A todos os meus amigos que embora não nominados, guardo com carinho em meu coração, pois entenderam minhas ausências e fizeram parte do meu caminhar nesse momento tão sensível e importante da minha vida.

SUMÁRIO

Lista de Siglas..... **10**

1. Resumo..... **11**

2. Apresentação da Dissertação..... **13**

3. Introdução..... **14**

4. Objetivos..... **18**

Artigo 01:

1.1 Introdução..... **22**

1.2 Metodologia..... **24**

1.3 Resultados e Discussão..... **27**

1.4 Conclusões..... **44**

1.5 Referências..... **47**

Artigo 2:

2.1. Introdução..... **53**

2.2. Metodologia..... **55**

2.3.Resultados e Discussão..... **57**

2.4. Conclusões..... **67**

2.5. Referências..... **68**

5. Considerações Finais..... **71**

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e esclarecido..... **78**

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada..... **80**

ANEXO A: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa..... **82**

ANEXO B: Carta de anuência do Comandante do Segundo Distrito Naval..... **84**

LISTA DE SIGLAS

AIDS - Acquired Immunodeficiency Syndrome.

BIREME - Biblioteca Regional de Medicina (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde).

BVS - Biblioteca Virtual em Saúde.

CEDEQ - Centro de Dependência Química.

Com 2º DN - Comando do Segundo Distrito Naval.

DASM - Diretoria de Assistência Social da Marinha.

DSM - Diretoria de Saúde da Marinha.

EPI - Equipamento de Proteção Individual.

HIV - Human Immunodeficiency Virus.

HNMD - Hospital Naval Marcílio Dias.

LILACS - Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde.

MB - Marinha do Brasil.

NDCC - Navio desembarque de carros de combate.

NDD - Navio desembarque de docas.

N-SAIPM - Núcleo de Serviço de Assistência Integrada ao Pessoal da Marinha.

NR – Norma Regulamentadora.

ONU – Organização das Nações Unidas.

SCIELO - Scientific Electronic Library Online.

RESUMO

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada com o objetivo de compreender o processo de trabalho dos militares que servem a bordo de navios operativos da Marinha do Brasil e seus impactos na saúde e na vida social. A abordagem metodológica seguiu duas etapas: a realização de entrevistas e a pesquisa documental. Em relação aos impactos na saúde, dentre as dificuldades apresentadas as que mais se destacaram foram a cinetose e o mal do desembarque devido às condições do mar, os riscos de acidentes, a habitabilidade do navio, a ausência da família e a rotina cansativa. Os militares embarcados sinalizaram também como pontos negativos relacionados à saúde, o ambiente insalubre, as atividades de risco, a inalação de gases dos combustíveis, o contato com solventes, os ruídos do navio, o ambiente tenso e o transporte de pesos. Em relação ao acometimento de doenças, dos 15 militares entrevistados 2 relataram ter perda de audição; 2, hérnias de disco; e 2, distúrbios musculoesqueléticos. Além desse grupo, somente em um navio identificaram-se quatro militares que precisaram se afastar das atividades operativas por comprometimento da saúde mental, destacando-se os episódios depressivos e os transtornos mentais e comportamentais devido ao uso do álcool. A pesquisa confirmou importantes impactos na vida social dos militares, caracterizados principalmente pelas ausências em eventos sociais domésticos, simbolicamente importantes, e pela escassa comunicação com o meio social mais amplo, que gera dificuldade em manter amigos de infância ou mesmo a aproximação com pessoas que não fazem parte do ambiente de Marinha; isto se deve à intensa rotina de trabalho em uma instituição totalizante. O estudo apontou que esse fato pode trazer prejuízos, como sentimentos de perda da identidade social, isolamento e inutilidade, num período sensível de suas vidas - a aposentadoria - quando esses sujeitos retornam à convivência mais intensa com a família e com a sociedade mais ampla. O presente estudo não pretende esgotar essa discussão, mas apenas evidenciar a importância dos assuntos nele apresentados e discutidos. Espera-se que as questões aqui levantadas ensejem novos esforços científicos sobre a temática, o que poderá contribuir para o planejamento, a execução e o aprimoramento de projetos voltados ao pessoal embarcado.

Palavras chave: Marinha do Brasil, Militares, Saúde, Doença, Confinamento, Vida Social.

ABSTRACT

This qualitative research was conducted in order to understand the working process of the military who serve aboard Navy vessels operating in Brazil and its impacts on their health and social life. The methodological approach followed two steps: interviews and documentary research. Regarding the impacts on health, amongst the difficulties presented, those which stood out were the motion sickness and Mal de Debarquement Syndrome due to sea conditions, the risk of accidents, habitability of the vessel, the absence of the family and the tiring routine. On-board military also signaled as downsides related to health: unhealthy environment, risky activities, inhalation of fuel gases, contact with solvents, noises on the vessel, the tense environment and transport of weight. Regarding the involvement of disease, 2 out of the 15 respondent military reported having hearing loss; 2 herniated discs; and 2, musculoskeletal disorders. Apart from this group, in only one vessel, four soldiers who had to move away from operating activities for mental health impairment, especially depressive episodes and mental and behavioral disorders due to use of alcohol were identified. The survey confirmed important impacts on social life of the military, mainly characterized by the absence in domestic social events symbolically important and scarce communication with the broader social environment, which is characterized by difficulty in maintaining childhood friends or even interaction with people who are not part of the Navy, due to intense work routine in a total institution. The study pointed out that this may bring losses such as feeling of loss of social identity, isolation and worthlessness in a sensitive period of their lives - retirement - when those militaries return to a more intense interaction with their families and the surrounding society. This study does not attempt to finish off this discussion, but only to highlight the importance of the issues presented and discussed. It is hoped that the issues raised in this research encourage new scientific efforts on the theme, which may contribute to the planning, implementation and improvement of projects aimed at the on-board crew.

Keywords: Brazilian Navy, Military personnel, Health, Disease, Confinement, Social Life.

1. APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Essa pesquisa intitulada: "Milhas e milhas distante... Um estudo sobre a Saúde do Trabalhador militar embarcado em Navios operativos da Marinha do Brasil" é o produto final do curso de Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho da Universidade Federal da Bahia que teve duração de 24 meses.

A demanda pelo estudo foi reconhecida no contexto da mestranda e a perspectiva de trabalhar o processo de trabalho dos militares embarcados na Marinha do Brasil se propunha a desvendar uma delicada realidade, partindo do pressuposto que o trabalho embarcado reúne características peculiares que produz impactos na saúde e vida social desses militares.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia sob o nº 840.619. Em atenção aos objetivos propostos no Projeto de Pesquisa, esse estudo está dividido em dois artigos. O primeiro artigo buscou compreender o processo de trabalho em navios operativos da Marinha do Brasil e seus impactos na saúde e tem por categorias de análise: 1. A escolha da carreira militar; 2. As condições de Trabalho: fontes de realização e de desgaste; 3. "Homens de ferro" em navios de madeira; 4. O acometimento de doenças; 5. A naturalização da cinetose e do mal do desembarque: trabalhar e marear; 6. Os cuidados com a saúde do militar embarcado; 7. As estratégias utilizadas para lidar com as dificuldades; 8. O trabalho como uma fonte de significados. O segundo artigo buscou compreender os impactos do processo de trabalho embarcado na vida social e tem por categorias de análise: 1. O confinamento em alto mar e o isolamento e 2. A identidade social e a chegada da aposentadoria.

1. INTRODUÇÃO

A experiência de trabalho da autora na coordenação dos Programas de Saúde e Projetos Sociais dos Núcleos de Serviço de Assistência Integrada ao Pessoal da Marinha (N-SAIPM[1]), durante o período de oito anos, possibilitou a identificação das dificuldades inerentes a este exercício profissional e a construção de um trabalho pioneiro na Marinha brasileira que se desenvolveu a partir do projeto *N-SAIPM a bordo*.

O referido projeto foi iniciado no período de 9 a 11 de fevereiro de 2009, quando do embarque de oficiais das áreas de Serviço Social e Psicologia do N-SAIPM da Esquadra brasileira, no Navio Desembarque de Carros de Combate (NDCC) Garcia D'Ávila (G-29). Esse trabalho antecedeu a comissão[2] do Navio à China, em que a tripulação ficaria distante de seus familiares por cerca de quatro meses. Durante o embarque, a autora, juntamente com a equipe do Núcleo, apresentou as atividades preventivas desenvolvidas e ofereceu uma rede de apoio à família, enquanto o militar estivesse em comissão. Os militares participaram dos atendimentos, criando uma relação de confiança com os profissionais, diante do assessoramento assegurado a seus familiares. A iniciativa atendeu individualmente a 92% da tripulação do navio.

Outra experiência marcante da autora foi o embarque no período de 22 de setembro a 9 de outubro de 2009 no Navio de Desembarque Doca (NDD) Rio de Janeiro (G-31). Mais uma vez o Núcleo da Esquadra levou uma assistente social e uma psicóloga para desenvolvimento do projeto *N-SAIPM a bordo*. Assuntos como sentimentos e emoções que envolvem o confinamento, em virtude do trabalho embarcado e o afastamento da família, foram abordados com os militares como forma de dar-lhes apoio para superar as dificuldades oriundas da escolha profissional. Durante a comissão, além dos atendimentos individualizados e orientações sociais, 308 militares preencheram um questionário com a finalidade de dar conhecimento à equipe do N-SAIPM sobre realidade psicossocial da tripulação.

A vivência da rotina operativa do Navio foi decisiva para entender a experiência do confinamento em alto mar e as condições de vida e trabalho a bordo dos navios operativos da Esquadra, pois foi possível vivenciar, dentre outras questões, a rotina de bordo, tais como os exercícios reais e simulados de controle de avarias, o *briefing* apresentado sobre o planejamento das missões dos carros de combates, das aeronaves e dos outros navios que faziam parte da comissão, das pausas para as refeições, muitas vezes interrompidas por

[1] Este serviço tem por objetivo atender, de forma integrada e em nível primário, as demandas dos militares da ativa, servidores civis e seus dependentes nas áreas de Serviço Social, Psicologia e Direito.
[2] Denomina-se comissão o deslocamento operativo realizado pelos meios navais para cumprir uma missão específica.

alarmes de emergência ou pelo próprio “jogo” do navio que não permite a permanência à mesa por muito tempo, o preparo das refeições, os raros momentos de descontração e o compartilhamento do camarote com outras militares. Houve também o acionamento da equipe pelo Comandante do Navio, quando um militar tentou suicídio a bordo, e também após um incêndio na praça de máquinas, onde dois militares ficaram feridos.

Dessa forma, a escuta profissional tanto dos usuários dos Núcleos, quanto dos colegas de trabalho, ao apresentarem suas demandas, compartilharem suas insatisfações, anseios e questionamentos, serviram de inspiração para realização do presente estudo.

Dentre as diversas questões que despertaram interesse, a Saúde do Trabalhador militar embarcado pareceu mais inquietante dentro da instituição. Sendo assim, a necessidade de realizar um estudo sobre esse tema ficou evidente, pois se verificou que no meio acadêmico há uma deficiência de bibliografias sobre a Marinha do Brasil e, principalmente, sobre os profissionais que exercem suas atividades embarcados.

Os conceitos que estão na base da teoria da psicodinâmica do trabalho possibilita uma compreensão contemporânea sobre as questões afetas às relações de trabalho. Essa abordagem trouxe um novo olhar nas ciências do trabalho a propor espaços de fala e escuta onde os trabalhadores pudessem expressar sua voz, seus sentimentos e as contradições no contexto do trabalho que respondem pela maioria das causas geradoras de prazer e de sofrimento (Dejours, 1992).

No entanto, compreende-se que a realidade delineada a partir do relato de militares embarcados, por mais atenta e cuidadosa que venha a ser exercitada a escuta do profissional, nada mais é que um rascunho estreito e alienado dos sentimentos e emoções que envolvem o confinamento, as exigências afetas ao trabalho e o afastamento da família.

As demandas apresentadas, por este público específico, nos atendimentos diários do N-SAIPM, instigam que profissionais realizem estudos aprofundados e desenvolvam pesquisas os quais verifiquem os impactos do processo de trabalho na saúde desses trabalhadores militares.

Para o levantamento da produção acadêmica sobre temáticas relacionadas às doenças do trabalho na Marinha, tomou-se como referência a base de dados da LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Realizou-se a busca pelos descritores: “militares” e “doença” e foram identificados 67 artigos. Após a leitura dos resumos e dos textos completos, quando necessário, foram encontrados somente quatro artigos que tratavam sobre o assunto pesquisado. O primeiro artigo era um estudo epidemiológico, de corte transversal, envolvendo 1.383 homens de 18 a 62 anos, lotados em organizações militares da

Grande Natal-RN e abordava os fatores de risco para a saúde cardiometabólica dos militares da ativa. Os autores concluíram que a obesidade abdominal constituiu-se o fator de risco mais presente entre as combinações que ocorreram acima das prevalências esperadas (COSTA et al., 2011).

Os dois artigos seguintes se relacionavam, pois abordavam a mesma temática: o alcoolismo na Marinha do Brasil. O primeiro trazia narrativas de vida de um paciente militar alcoolista atendido no Centro de Dependência Química da Marinha (HALPERN; LEITE, 2012) e o segundo apontava os efeitos das situações de trabalho que levaram à construção do alcoolismo em pacientes militares da Marinha do Brasil (HALPERN; FERREIRA; SILVA FILHO, 2008).

No quarto artigo encontrado, os autores descrevem um surto de *shigelose* em uma população militar durante operação na Restinga da Marambaia, RJ, em maio de 1989, na qual 101 dos 418 militares apresentaram diarreia (ROCHA et al., 1990). Esse artigo reforça os riscos de contrair doenças e as exposições a que estão sujeitos os militares em treinamentos específicos.

Após esses achados, utilizaram-se os termos: “militares” e “saúde” nas mesmas bases de dados e foram identificados 116 artigos. Após leitura dos resumos e dos textos completos, quando necessário, selecionaram-se mais quatro artigos. Três se referem ao alcoolismo na Marinha do Brasil, sendo que o primeiro retrata as representações de adoecimento e cura de pacientes do Centro de Dependência Química do Hospital Central da Marinha (HALPERN; LEITE, 2012); um deles descreve a interseção entre os trabalhos marinheiros e o alcoolismo (HALPERN; LEITE, 2013) e outro analisa as peculiaridades da vida naval e o uso de álcool (HALPERN; LEITE, 2014). Em outro trabalho encontrado, o autor apresenta um estudo estatístico acerca das moléstias incapacitantes dos militares da Marinha brasileira, baseando-se no processamento eletrônico de todos os diagnósticos emitidos pelas juntas de inspeção de saúde, em 1984. O estudo concluiu que as moléstias mais frequentemente incapacitantes, isoladas, foram os transtornos neuróticos, hipertensão essencial, surdez, psicoses esquizofrênicas e outras isquemias cardíacas crônicas; das agrupadas, as mais frequentes foram as moléstias cardiovasculares, os transtornos neuróticos, osteomusculares e conjuntivas, fraturas, luxações, entorses e psicoses (IZECKSOHN, 1986).

Mediante os descritores “militares” e “doença” buscaram-se novos artigos relacionados com a temática estudada na base da SCIELO (*Scientific Electronic Library Online)* e só foi encontrado um estudo, mas não tratava do objeto do estudo. Quando inseridos os termos “militares” e “saúde”, encontraram-se nove artigos; destes, nenhum correspondia ao

objeto de interesse desta pesquisa. Após essa seleção, buscaram-se novos achados na BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), desenvolvida pela BIREME (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), aplicando o termo: "Marinha do Brasil" em todas as suas bases. Dessa forma, foram encontrados 159 artigos, porém, após leitura, foram selecionados somente sete artigos que se referiam ao objeto de estudo.

O primeiro artigo descreve a mortalidade proporcional por AIDS (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*), associada aos fatores ocupacionais na Marinha do Brasil. A autora aponta que a mortalidade proporcional por AIDS esteve aumentada entre militares do sexo masculino, sendo elevada em algumas ocupações no nível hierárquico baixo. Porém, os autores destacam a necessidade de realizar pesquisas complementares para melhor compreensão dos fatores subjacentes à transmissão do HIV (*Human Immunodeficiency Virus*) nesse ambiente de trabalho (SILVA; SANTANA; DOURADO, 2007). O segundo artigo se constitui em um estudo exploratório da mortalidade proporcional, conduzido com militares do sexo masculino, lotados na Marinha do Brasil, que faleceram no período de 1991 a 1995. Os militares apresentaram mortalidade proporcional aumentada para doenças do fígado, relacionadas com o consumo do álcool, pancreatite, hemorragia digestiva, doenças renais crônicas, doenças de Parkinson e degenerações cerebrais. Os resultados indicam a existência de possíveis fatores de riscos ocupacionais no ambiente de trabalho da Marinha do Brasil e a necessidade de estudos com medidas quantitativas de exposição (SILVA; SANTANA, 2004). O terceiro estudo destaca a mortalidade por câncer em militares da Marinha do Brasil e conclui que o câncer de cérebro, de próstata e linfomas foi mais comum em militares do que na população de referência (SILVA; SANTANA, 2000).

Os outros quatro artigos encontrados exploraram a temática do álcool no ambiente naval e suas consequências para o trabalhador, assim como os desafios preventivos relacionados a essa realidade (HALPERN; LEITE, 2010, 2011, 2011, 2013).

Embora a revisão de literatura tenha sido restrita à Marinha brasileira, possibilitou a identificação dos principais estudos que mensuraram as exposições ocupacionais e os fatores de risco à saúde desses militares. A partir desse levantamento foi possível elencar características que vêm demandando os pesquisadores em seus estudos.

Portanto, acredita-se que o presente trabalho pode colaborar para ampliação desse debate tanto no âmbito acadêmico quando dentro da instituição, sobretudo levando-se em conta os impactos na saúde e vida social desses marinheiros, diante da contradição existente entre o trabalhador militar enquanto sujeito dotado de uma história de vida e sua missão de servir à Pátria com o sacrifício da própria vida.

2. OBJETIVOS

2.1. GERAL:

Compreender o processo de trabalho dos militares que servem a bordo de navios operativos da Marinha do Brasil subordinados ao Comando do 2º Distrito Naval e seus impactos na saúde e vida social.

2.2. ESPECÍFICOS:

3.2.1 Identificar os aspectos intrínsecos da cultura organizacional dos meios operativos da Marinha do Brasil que estão complexamente relacionados à saúde dos trabalhadores militares embarcados;

3.2.2 Entender os fatores motivacionais que contribuem para a escolha de trabalhar embarcado;

3.2.3 Conhecer as estratégias individuais e coletivas desprendidas para lidar com as dificuldades inerentes ao processo de trabalho e à saúde.

ARTIGO I

HOMENS DO MAR: VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS MILITARES EMBARCADOS EM NAVIOS DA MARINHA DO BRASIL

Ana Carolina Nascimento de Albuquerque Ramos

RESUMO

Sabe-se que a atividade profissional não é somente um modo de subsistência; trata-se também de uma forma de inserção social e cultural onde estão implicados aspectos psíquicos e físicos. O trabalho pode ser associado ao aparecimento de doenças graves, mas pode também constituir-se em um fator de equilíbrio e de desenvolvimento. A Marinha do Brasil, instituição marcada por tradições e culturas próprias dos militares, "homens do mar", constitui um espaço de singularidades na relação com a saúde, devido à intensidade da rotina de trabalho e aos afastamentos prolongados. Este estudo tem como objetivo compreender o processo de trabalho dos militares que servem a bordo de navios operativos da Marinha do Brasil e seus impactos na saúde. A abordagem metodológica utilizada na pesquisa foi qualitativa e seguiu duas etapas: a realização de entrevistas e a pesquisa documental sobre os militares que estavam afastados por motivo de doença. O estudo revelou importantes impactos na saúde dos militares embarcados. Dentre as dificuldades apresentadas, as que mais se destacaram foram a cinetose e o mal do desembarque devido às condições do mar, os riscos de acidentes, a habitabilidade do navio, a ausência da família e a rotina cansativa. Os militares embarcados sinalizaram também como pontos negativos relacionados à saúde: o ambiente insalubre, as atividades de risco, a inalação de gases dos combustíveis, o contato com solventes, os ruídos do navio, o ambiente tenso e o transporte de pesos. Em relação ao acometimento de doenças, dos 15 militares entrevistados 2 relataram ter perda de audição; 2, hérnias de disco; e 2, distúrbios musculoesqueléticos. Além desse grupo, somente em um navio identificaram-se quatro militares que precisaram se afastar das atividades operativas por comprometimento da saúde mental, destacando-se os episódios depressivos e os transtornos mentais e comportamentais devido ao uso do álcool. Outro fator que merece destaque relacionado à saúde são as mudanças de comportamento que acometem os militares no período pré-embarque e durante o embarque, tais como: ansiedade, insônia, preocupação, tristeza, tensão, angústia, saudade, apreensão e enjoo. Espera-se que as questões levantadas nesta pesquisa motivem novos esforços científicos sobre a temática descrita para o aprimoramento dos serviços já existentes na Marinha do Brasil relacionados à saúde e à qualidade de vida de seus trabalhadores.

Palavras-chave: Marinha do Brasil, Militares, Saúde, Doença.

ABSTRACT

It is known that the professional activity is not only a livelihood; it is also a form of social and cultural integration which mental and physical aspects are involved. The work can be associated with the occurrence of serious illness, but may also be a factor of balance and development. The Brazilian Navy - an institution marked by its own traditions and cultures of the military - "men of the sea", is a peculiar space as far as health is concerned, due to the intensity of the work routine and long-term absences. This study aims to understand the working process of the military who serve aboard operative vessels of the Brazilian Navy and its impacts on health. The methodological approach used in this research was qualitative and followed two stages: interviews and documentary research of the soldiers who were on leave due to illness. The study showed significant impacts on the health of on-board military. Amongst the difficulties presented, those which stood out were the motion sickness and Mal de Debarquement Syndrome due to sea conditions, the risk of accidents, habitability of the vessel, the absence of the family and the tiring routine. On-board military also signaled as downsides related to health: unhealthy environment, risky activities, inhalation of fuel gases, contact with solvents, noises on the vessel, the tense environment and transport of weight. Regarding the involvement of disease, 2 out of the 15 respondent military reported having hearing loss; 2 herniated discs; and 2, musculoskeletal disorders. Apart from this group, in only one vessel, four soldiers who had to move away from operating activities for mental health impairment, especially depressive episodes and mental and behavioral disorders due to use of alcohol were identified. Another factor that deserves mention are the health-related behavioral changes that affect the military in the pre-boarding period and during on-board period, such as anxiety, insomnia, preoccupation, sadness, stress, anguish, longing, apprehension and nausea. It is hoped that the issues raised in this research inspire new scientific efforts on the subject described to the improvement of existing services in the Brazilian Navy, related to health and quality of life of their workers.

Keywords: Brazilian Navy, Military personnel, Health, Disease.

INTRODUÇÃO

Historicamente sabe-se que o surgimento da Marinha Brasileira remonta à época do descobrimento do Brasil quando portugueses e franceses disputavam o poder das terras brasileiras. Nesse combate, indígenas se uniram aos portugueses, reforçando a esquadra com embarcações a remo. Além de ter sido a primeira defesa organizada contra uma invasão ao território brasileiro, o fato caracterizou-se como o nascedouro da Marinha do Brasil (MARINHA DO BRASIL, 2013).

Portanto, a própria sobrevivência nas navegações pelos mares no passado, desde o século XVI, era repleta de riscos e dificuldades causadas ora pela ausência de instrumentos tecnológicos, como também por doenças que ainda eram desconhecidas. Segundo Frutuoso (2010):

> Os historiadores relatam que as principais causas de morte das tripulações eram os acidentes provocados pelas tempestades, seguidas pelas doenças. Tamanha era a perda de vidas humanas que 40% da tripulação não chegava ao destino e a partir dos séculos XVI e XVII foram construídos hospitais nas principais rotas de navegação (FRUTUOSO, 2010, p. 9).

Ramazzini (1633-1714), conhecido como o pai da medicina do trabalho já sinalizava quanto aos riscos e doenças que estavam expostos os marinheiros. Afirmava que:

> Não raro acontece que alguma doença epidêmica invada o navio, seja por causa extrínseca ou pela má alimentação comum e, sobretudo, pelas águas poluídas; ou então suceda que a variada e grande multidão dos navegantes, não habituada ao mar, contraia febres pestilentas e malignas devido ao frequente terror de alguns às grandes tempestades, cujo germes difunde e ataca os demais com a mesma doença. Em tais casos não existe fuga possível, pois todos, como soem dizer, estão no mesmo barco e todos devem ver os moribundos ficarem a seu lado, tendo diante dos olhos o sepulcro comum (RAMAZZINI, 2000, p. 26).

No início do século XIX os navios brasileiros eram de propulsão a vapor, tinham paios quentes, mal ventilados e não possuíam sistema de refrigeração para conservação de gêneros alimentícios frescos que suportassem muitos dias de mar, para isso os alimentos precisavam durar muito tempo sem deteriorar e consistiam principalmente de carne de boi, porco e peixe salgados e vegetais secos. Dessa forma, no século XIX, ocorreu entre os marinheiros de vários países uma epidemia que se nomeou de beribéri. O termo beribéri, adotado na terminologia médica, provém do cingalês, língua originária da índia. O significado da palavra beri é fraqueza e beribéri, extrema fraqueza (FRUTUOSO, 2010).

Ainda de acordo com Frutuoso (2010):

> Surtos de beribéri ocorriam durante as viagens, com o inicio dos sintomas após o 12º dia de mar, aproximadamente, e as queixas eram inicialmente de parestesias de membros inferiores evoluindo para outros grupos musculares, provocando fraqueza intensa, impeditiva para qualquer atividade laborativa e, que sem uma alimentação adequada, evoluía com edema, disfunção cardíaca e transtornos mentais (FRUTUOSO, 2010, p. 10).

Hoje sabemos que o beribéri era o estado de carência nutricional, somados a intensa demanda física de trabalho exigido. O beribéri, atualmente é praticamente inexistente nas Marinhas de todo o mundo, devido à modernização dos navios e a existência de novas técnicas industrializadas de conservação alimentar, porém foi uma importante doença relacionada à ocupação dos marinheiros. Como afirma Almeida (2012):

> O projeto modernizador da Marinha brasileira, com todas as suas contradições e limitações, envolvia também nova forma de pensar a saúde, a alimentação e as relações cotidianas. A chegada de equipamentos modernos e as inovações técnicas demandavam modificações no ritmo de trabalho. Além disso, os resultados do pensamento da medicina e os modos de pensar da virada do século XIX para o XX colaboravam para que fossem concebidas outras maneiras de tratamento e novas dietas (ALMEIDA, 2012, p. 29).

Um trabalho publicado em 2005 por Roberts e Marlow concluiu que apesar das mudanças em relação às condições de trabalho, a atividade marítima continua sendo de elevado perigo e risco, e que melhorias são requeridas no campo de práticas de trabalho perigosas e no cuidado à vida de marinheiros sob risco de suicídio (ROBERTS e MARLOW, 2005).

Diante de todas as questões que permeiam as relações de trabalho dos militares da Marinha do Brasil, em especial, os que exercem sua atividade laborativa em navios operativos, verifica-se que a compreensão do papel desempenhado pelo trabalho e os demais espaços da vida desses militares configura-se como imperativo para o desenvolvimento de políticas e ações que deem conta das singularidades deste público alvo. A busca de se fazer cada vez mais, com cada vez menos, implica em incompatibilidade entre as exigências profissionais e pessoais. Sob este aspecto Zanelli, Silva e Soares (2010) ressalta que:

> Quando as demandas da vida pessoal e no trabalho são construídas e mantidas como antagônicas, a tendência majoritária é a de que as pessoas optem pela restrição de suas necessidades e expectativas no âmbito de suas vidas pessoais. O resultado disso é dedicar menos tempo e energia à família, aos amigos, à comunidade e a si mesmo (ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010, p. 35).

Dessa forma, através da escuta sensível das falas dos sujeitos, procuramos compreender o processo de trabalho dos militares que servem a bordo de navios operativos da Marinha do Brasil e seus impactos na saúde, como também conhecer as estratégias

individuais e coletivas desprendidas para lidar com as dificuldades inerentes ao processo de trabalho e à saúde. Nota-se que no Brasil esse grupo de trabalhadores é pouco conhecido pelos estudiosos e há uma escassez de publicações, especialmente em relação à pesquisa qualitativa, sobre as especificidades do trabalho marinheiro e as relações estabelecidas entre a vida no mar e na terra.

Portanto, buscou-se neste estudo, ouvir as vozes desses sujeitos que, por meio de sua percepção subjetiva, permite-nos descortinar as questões da realidade psicossocial dos militares embarcados que representem riscos à saúde mental e física, de modo a criar e legitimar ações que promovam em todo seu escopo a saúde do trabalhador.

METODOLOGIA

A abordagem deste estudo é qualitativa, por buscar descrever a complexidade do problema, especialmente na esfera subjetiva, do tipo descritivo, pois apresentam as características, propriedades ou relações existentes na realidade pesquisada, com caráter exploratório porque faz a descrição precisa da situação na busca de descobrir relações existentes. Segundo Minayo (2008) a abordagem qualitativa considera o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, pois o ser humano se distingui não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações.

Dessa maneira, a metodologia científica busca ultrapassar o senso comum e permite que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, através de uma categorização que une dialeticamente a fundamentação teórica e o empírico.

O presente estudo teve como participantes da pesquisa militares da Marinha do Brasil embarcados nos meios operativos subordinados ao Comando do Segundo Distrito Naval (Com2° DN). A área jurisdicional do Com2° DN abrange mais de 1.100.000 quilômetros quadrados, aproximadamente 14% do território brasileiro, com cerca de mil quilômetros de confrontação com o Oceano Atlântico. A área terrestre sob jurisdição do Com2° DN é cortada pelo Rio São Francisco desde Pirapora-MG a Juazeiro-BA. O Com2° DN é o órgão do Comando da Marinha do Brasil que se destina, na sua área de jurisdição, a: controlar o tráfego marítimo; coordenar e prover apoio logístico às Forças em Operações; propiciar a defesa da área em cooperação com os órgãos competentes do Exército e da Força Aérea (Patrulha Naval e a Defesa do Portos) e realizar o socorro marítimo (MARINHA DO BRASIL, 2014).

Os navios que estão subordinados ao Com2º DN são de três tipos diferentes, sendo estas: uma Corveta da Classe Imperial Marinheiro (Corveta Caboclo – V-19), três Navios Patrulha, sendo dois da Classe Grajaú (Navio de Patrulha Guaratuba – P-50 e Navio de Patrulha Gravataí – P-51) e um da Classe Marlim (Aviso de Patrulha Dourado – LP-03) e seis Navios Varredor da Classe Aratu (Navio Varredor Aratu, Navio Varredor Anhatomirim, Navio Varredor Atalaia, Navio Varredor Araçatuba, Navio Varredor Abrolhos, Navio Varredor Albardão).

A Corveta Caboclo (V-19) foi incorporada a Marinha Brasileira em 1955, sua tripulação é composta por 64 homens, sendo seis oficiais e 58 praças e é utilizado para patrulha de águas jurisdicionais brasileiras, socorro de pessoas e salvamento de embarcações. Já os Navios Patrulha da Classe Grajaú foram incorporados a Marinha entre os anos de 1999 e 2000, sendo suas tripulações compostas em média por 29 homens, sendo quatro oficiais e 25 praças e é utilizado para Patrulha das águas brasileiras e socorro de pessoas. Já o Aviso de Patrulha Dourado foi incorporado a Marinha Brasileira em 2009 e é utilizado para Patrulha das águas brasileiras, porém, como ele é de menor porte, sua tripulação é composta por 10 homens, sendo oito praças e dois oficiais.

Os navios Varredores possuem características diferenciadas dos demais navios mencionados. A Classe Aratu corresponde a uma classe de Navios Varredores de Minas. Eles tem a missão de realizar operações navais de contramedidas de minagem a fim de contribuir para o cumprimento de tarefas básicas do Poder Naval. Os navios foram incorporados a Marinha do Brasil entre 1971 e 1975 e possuem casco de madeira e materiais amagnéticos para diminuir a influência do mesmo nos seus equipamentos de detecção. Sendo suas tripulações compostas em média por 36 homens, sendo 32 praças e quatro oficiais.

A presente pesquisa propôs inicialmente uma amostra qualitativa de seis participantes que pertençam à tripulação de cada navio escolhido, sendo estes um Navio Varredor, um Navio Patrulha e uma Corveta, pois pretendeu-se contemplar todos os tipos de navios subordinados ao Com 2º DN, totalizando um universo de 18 militares entrevistados. Dos entrevistados, três foram excluídos, como recurso adicional na garantia do sigilo das informações.

Dos meios operativos utilizados para a pesquisa, foi excluído o Navio de Aviso de Patrulha Dourado, pelo fato de ser uma embarcação de pequeno porte e possuir uma tripulação reduzida, o que poderia comprometer o sigilo das informações colhidas. Dessa forma, durante a fase de coleta priorizou-se os Navios que não estavam em missões operativas no momento, sendo estes a Corveta Caboclo, o Navio Patrulha Gravataí e o Navio Varredor

Araçatuba. A pesquisadora foi recebida em todos os navios pelos Comandantes, que reuniam a tripulação e apresentavam o objetivo da pesquisa, reafirmando a importância da participação de todos.

Foram incluídos na pesquisa os militares voluntários que faziam parte da tripulação do navio, especialmente os envolvidos nas atividades operativas e manobras de navegação e que representassem os diferentes níveis hierárquicos. Não participaram da pesquisa os militares que possuíam vínculo temporário, mesmo que estivessem destacados nos navios citados. As entrevistas foram realizadas com os sujeitos que possuíam os atributos que se desejou conhecer e considerou que o tamanho da amostra relacionou-se à reincidência das informações, sem desprezar informações singulares (MINAYO et al., 2005).

A pesquisa de campo seguiu duas etapas: a realização de entrevistas e a pesquisa documental na Divisão de Pessoal do próprio Navio, caso houvesse algum militar da tripulação que estivesse afastado por motivo de doença.

Os dados observados foram transcritos para um diário de campo e as informações contribuíram para a ampliação do tema no campo científico. A entrevista foi realizada através de um roteiro semiestruturado de perguntas abertas configuradas em quatro categorias, a saber: (a) informações pessoais e profissionais (identificação dos participantes, categoria funcional, especialidade, tempo de carreira e de embarque); (b) perfil socioeconômico (nível de instrução, configurações familiares e econômicas); (c) aspectos relacionados à satisfação no trabalho (expectativas com a profissão, condições de trabalho, relacionamentos interpessoais, dificuldades psicossociais e estratégias de enfrentamento); (d) aspectos relacionados à saúde e vida social (cuidado com a saúde física e mental, suporte social e familiar, realização de atividades comunitárias e de lazer). As entrevistas foram gravadas em aparelho de áudio e transcritas na íntegra após o consentimento do militar.

Foi utilizado o método de abordagem e análise hermenêutica e dialética por entender que ela faz a síntese dos processos compreensivos e críticos. Segundo Minayo (2010, p. 168), “a hermenêutica-dialética constitui um importante caminho do pensamento para fundamentar pesquisas qualitativas, cobrindo também uma quase ausência de pesquisas de fundamentação marxista que levem em conta a subjetividade”.

Nessa perspectiva de combinações de oposições o método dialético tem como pressuposto o método hermenêutico, embora as duas concepções tenham sido desenvolvidas através de movimentos filosóficos diferentes. Assim, a hermenêutica e a dialética se mostram como momentos necessários da produção de racionalidade em relação aos processos sociais e em relação aos processos de saúde e doença (MINAYO, 2013).

Estes instrumentos foram aplicados após a autorização para realização da pesquisa pelo Comandante do Segundo Distrito Naval, pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Bahia sob o nº 840.619 e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido de cada participante. Foi garantido o sigilo absoluto aos entrevistados identificando as falas através do número do militar e do Navio, sendo o Navio 1 a Corveta Caboclo, o Navio 2 o Navio Patrulha Gravataí e o Navio 3 o Navio Varredor Araçatuba. As diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde na sua Resolução 466/12 foram respeitadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A hipótese que motivou esse estudo é a de que existem impactos na saúde dos militares que trabalham embarcados em navios operativos da Marinha do Brasil. Entretanto, pautar essa afirmação apenas aos achados científicos, desconsiderando o sistema social, cultural e político que estamos inseridos, não permitirá ampliar a compreensão acerca dessa temática e conhecer novas conjecturas.

A amostra qualitativa foi composta por 9 sargentos, 3 cabos e 3 oficiais. Quanto à especialidade, dos 3 oficiais, temos 2 especializados em máquinas e 1 armamentista. Em relação aos praças, temos 2 armamentistas, 2 escreventes, 2 especializados em manobras e reparos, 2 em motores, 1 em eletrônica, 1 operador de radar, 1 enfermeiro e 1 arrumador.No que tange a idade, os militares entrevistados apresentaram de 24 a 46 anos. Em relação ao tempo de carreira possuem de 6 a 29 anos e quanto ao tempo de embarque possuem de 2 a 23 anos.

Esse estudo tem por categorias de análise: 1. A escolha da carreira militar; 2. As condições de Trabalho; 3. “Homens de ferro” em navios de madeira; 4.O acometimento de doenças; 5. A cinetose e o mal do desembarque; 6. Os cuidados com a saúde do militar embarcado 7. As estratégias utilizadas para lidar com as dificuldades; 8. O trabalho como uma fonte de significados.

1. A escolha da carreira militar

Observamos nas entrevistas que a estabilidade financeira e a progressão na carreira apareceram como os principais responsáveis pela escolha da carreira militar. Sabe-se que em todas as épocas e culturas, nas mais diversas sociedades, o trabalho sempre ocupou um espaço

relevante na vida do homem, representando o *status* social dos indivíduos. Hoje, apesar das grandes transformações ocorridas nos últimos séculos, essa categoria ainda tem significância social demonstrando sua pertinência em nível global.

Segundo Antunes (1999), a crise de superacumulação do modelo produtivo e a proposta de novos modelos econômicos implementados a partir da década de 70 trouxeram impactos na dinâmica do trabalho e no perfil dos trabalhadores que vivem deste. Para o autor, essas modificações foram tão intensas que a "classe-que-vive-do-trabalho" sofreu a mais aguda crise deste século, atingindo não só a sua materialidade, mas causando profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetando a sua forma de ser (ANTUNES, 1999).

Nos anos 80, os reflexos dessas mudanças traduziram uma reversão na trajetória das ocupações, ocasionadas pela progressiva desestruturação do mercado de trabalho. As mudanças ocorridas no mundo do trabalho, consequência das transformações impostas pelos novos modelos de produção, traduzem uma "subproletarização" intensificada, presente no trabalho parcial, temporário, subcontratado, terceirizado que marca a sociedade dual do capitalismo avançado (ANTUNES, 1999). Contudo, com estas novas características no processo de trabalho, percebe-se um crescimento do exército industrial de reserva e de ocupações informais desarticulados dos direitos trabalhistas. Torna-se este novo mercado de trabalho mais competitivo e de difícil inserção tanto para trabalhadores jovens quanto para os mais experientes.

Neste momento, diante da instabilidade de emprego, sobretudo no setor privado, verifica-se a procura pelas escolas de formações militares por parte de trabalhadores de diversas áreas técnicas oriundos do mundo civil, pois para os jovens, a carreira militar aparece como uma alternativa segura para inserção no mercado de trabalho. Não obstante, neste contexto, percebemos que, paulatinamente, estas mudanças também trouxeram consequências econômicas que acarretaram gradativamente a redução salarial dos militares.

A Medida Provisória 2.215-10/2001, mesmo que ainda não tenha sido convertida em Lei, revogou a Lei de Remuneração dos Militares (Lei 8.237/91) e alterou o Estatuto dos Militares (Lei 6.880/80), extinguindo importantes benefícios que, historicamente, sempre foi concedido ao militares, tais como: a promoção do militar por ocasião de sua transferência para a reserva remunerada ou reforma, a LESM (Licença Especial Militar) a cada 10 anos ou o acréscimo proporcional ao fim da carreira e o adicional de tempo de serviço, na razão de 1% ao ano de serviço prestado.

A influência familiar na escolha da profissão também foi muito presente nos discursos dos militares entrevistados, como podemos observar nas falas a seguir: “Eu escolhi a Marinha por diversos fatores, um deles é que meu pai também era militar da Marinha e eu frequentava muito a escola de aprendizes de marinheiro e comecei a gostar e decidi seguir a carreira”. (Militar 2, Navio 2); “ Meu avô era Sargento da Marinha Portuguesa, meu primo é Chefe de Operações de um navio que está no Rio, meus tios são militares, meu pai é Oficial da Policia Militar no Rio. Eu fui criado no meio militar e eu já gostava e resolvi ser militar” (Militar 2, Navio 1).

Percebemos que muitos são os fatores que influenciam na escolha de uma profissão. No caso dos militares, entendemos que a situação político-econômica do país induz a busca da estabilidade da carreira militar que se soma com a história familiar e as características individuais dos sujeitos.

2. As condições de trabalho: fontes de realização e de desgaste

Ao serem questionados sobre as motivações para o trabalho embarcado, observou-se que o requisito de carreira, a pontuação na carreira e o lado profissional apareceram como os principais motivos, todavia algumas falas se destacaram em relação ao amor a profissão, ao mar e as relações pessoais estabelecidas nesse ambiente de trabalho, como podemos verificar na fala a seguir: *“*O primeiro fator foi gostar de viajar, gostar de estar no mar, gostar da rotina de navio, gostar de trabalhar em grupo no navio, gostar das fainas marinheiras, da rotina em si de um navio.*”* (Militar 2, Navio 2); “Eu gosto da atividade de ser militar e ser militar da Marinha. Acho que fica muito claro e muito obvio que a atividade fim da Marinha é o mar, é o navio navegando, é o navio executando as suas missões, gosto muito disso” (Militar 1, Navio 2).

Percebe-se que alguns participantes apontam o relacionamento entre os pares como indicador desta satisfação. Um ponto comum em todas as entrevistas foi concernente ao relacionamento entre os militares a bordo. Todos afirmaram a excelente convivência e a importância disso para amenizar a saudade da família. Este dado ressalta a importância do fortalecimento dos relacionamentos interpessoais como estratégias para minimizar as dificuldades advindas das exigências afetas ao trabalho e a saúde. Como podemos verificar na fala a seguir:

> Uma das coisas que um militar da marinha possui é lidar com grupos [...] É difícil para o civil entender isso... porque aqui nós aprendemos a lidar com isso. Por exemplo, no refeitório, quando você está fazendo uma refeição, assim que você

> termina olha e vê uma pessoa em pé esperando para sentar, automaticamente você levanta para que aquela pessoa possa almoçar sentado. Isso acaba aproximando muito as pessoas... Acaba fazendo uma amizade muito profunda, pois você divide tudo... O convívio a bordo de navio de marinha é um convívio saudável, muito gratificante (Militar 3, Navio 1).

Nesse sentido, sugere-se que os laços de companheirismo e camaradagem funcionam, em um ambiente de confinamento, como substitutivos do apoio familiar diante de situações carregadas de potenciais estressores psicossociais.

Todos os militares relataram ter mais que uma função a bordo ou algum encargo colateral. Entrevistamos dois oficiais que exercem a função de Imediato do Navio, ou seja, eles são a segunda pessoa com maior autoridade na embarcação, são os substitutos do Comandante a bordo. Os dois descreveram possuir oito encargos colaterais. Algumas falas descrevem o excesso de carga de trabalho dos militares, como podemos observar: "Bem, eu sou o único eletrônico do navio e tenho três encargos colaterais: sou auxiliar do adestramento, auxiliar da navegação e auxiliar do Oficial de Inteligência" (Militar 5, Navio 2); "Eu tenho oito encargos colaterais. Sou Encarregado da navegação, Oficial de inteligência, Agente fiscal, Encarregado do Programa Netuno, Encarregado de publicações controladas, secretário do navio, Encarregado de pessoal e gerente de crédito do navio" (Militar 1, Navio 3).

É possível notar a partir dessas falas, que a necessidade de serviço é bem maior que a quantidade de militares a bordo. E que apesar de um Navio possuir uma rotina diferenciada das Organizações Militares de terra, com missões e deslocamentos constantes para desempenhar as operações necessárias, eles não se isentam de cumprir os mesmos prazos administrativos planejados pela instituição. Isso requer, muitas vezes, que esse militar fique após o horário da licença no trabalho, quando o navio está atracado, para cumprir a missão que lhe foi confiada. Todos os militares entrevistados afirmaram que tem horário para chegar ao navio, mas não tem horário pra sair, como podemos observar no exemplo abaixo:

> O militar tem uma rotina diferenciada, nós temos hora pra chegar e não temos hora para sair... por diversos motivos... Uma visita, por exemplo, que temos que aprontar o navio até tarde no dia anterior... Um suspender que começa na segunda feira, mas uma semana antes você já está preparando, por exemplo, a alimentação, o conforto, a limpeza, a gente tem que já preparar... Muitas vezes nós saímos daqui 1h da manhã no dia que antecede uma comissão... Muitos nem vão pra casa (Militar 2, Navio 1).

Esses militares, além do expediente normal, dão serviço em diversas funções a bordo, pois o navio não fecha como uma repartição comum, ele funciona 24 horas, mesmo que não esteja navegando. Quando perguntados sobre a escala de serviço com o navio atracado, a

maior parte dos militares afirmou que o serviço era 3x1 (três por um), ou seja, davam serviço um dia, durante 24 horas e ficavam três dias sem dar serviço. Porém, após a saída desse serviço de 24 horas, continuavam no expediente normal.

Quando o navio está navegando os militares dão serviço em quarto de hora, pois como eles mesmos relatam, o Navio trabalha 24 horas por dia. Conforme podemos observar no relato abaixo:

> Bom, eu fico a disposição 24 horas com o navio navegando, você tem o seu horário de dar seu serviço no mar, o serviço é dividido entre três militares, numa escala que você frequentemente você vai dar serviço 2x1 (um quarto de serviço e dois quartos onde os outros dois militares vão dar dois serviços) [...] Você fica 4 horas de serviço e descansa 8 horas e assim sucessivamente, e nessas 8 horas de descanso, você não está necessariamente descansando, como temos poucos militares, as coisas tem que acontecer e um militar é responsável por várias tarefas do navio e ele vai ter que comparecer para executar essa tarefa (Militar 1, Navio 2).

A função de cozinheiro chamou a atenção no estudo e mesmo não sendo considerada operativa se faz essencial para o bom andamento das tarefas do navio e das missões executadas pelos tripulantes. Os militares que trabalham na cozinha, não dão serviço no Navio, porém cumprem uma rotina com horários rígidos, pois "quando o navio está navegando, a rotina começa às 6 horas da manhã e só termina após as 22 horas" (Militar 2, Navio1). Como podemos verificar na explicação a seguir:

> Quer ver uma rotina bastante desgastante, estressante e prejudicial à saúde? A rotina do pessoal da cozinha. O pessoal que prepara a alimentação do navio. Eles precisam acordar às 5 horas da manhã, porque às 6 horas tem que ter café pronto pra todo mundo. Então depois do café às 8 horas da manhã ele já tá carregando alimentos, saindo da frigorifica, com menos 20 graus para carregar a carne, limpar e preparar o almoço de todo mundo e isso é todo dia, pois todos os dias as pessoas tem que comer e as refeições são 4 vezes ao dia. Tem o café da manhã, o almoço, a janta e a ceia e esse pessoal não para. Esse pessoal sai de 18 graus pra entrar numa frigorifica com menos 25 graus, quase 40 graus de variação. Carregar peso, subir escadas com o navio balançando, então a partir desse relato você pode tirar suas conclusões que é desgastante e prejudicial à saúde (Militar 1, Navio 2).

Uma questão ambígua relacionada às horas de descanso diz respeito à utilização dessas horas para o lazer ou relaxamento. Mesmo podendo usufruir da televisão, ouvir uma música ou participar de algum jogo com os colegas de bordo, os militares devem ficar sempre atentos aos alarmes do navio, que podem sinalizar um reunir para exercícios reais ou simulados, além disso, após o horário do serviço, precisam cumprir também as tarefas pertinentes as suas funções a bordo.

A prática profissional nas Forças Armadas está submetida à observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o

organismo militar. De acordo com o Estatuto dos Militares, em seu Art. 14 “a hierarquia e a disciplina são a base institucional das forças armadas e a autoridade e a responsabilidade crescem com o grau hierárquico” (BRASIL, 1980).

O estudo de Leirner (1997) aponta que: “a hierarquia militar não é um sistema piramidal, mas uma ‘fila indiana’ onde os indivíduos de uma patente podem ocupar diferentes posições na escala de subordinação" (Leirner, 1997, p. 47) e, além disso, é "um princípio segmentador – e não somente entre patentes, mas de pessoa a pessoa" (Leirner, 1997, p. 72).

A hierarquia e o formato das relações entre os militares expressam-se também nos alojamentos diferenciados, nas organizações militares de terra, nas embarcações, no posicionamento para a formatura, nos clubes e confraternizações militares, na sala de espera e nos leitos dos hospitais institucionais, nas vilas militares, nas divisas e na organização do trabalho em si. Segundo o Estatuto dos Militares a disciplina e o respeito à hierarquia devem ser mantidos em todas as circunstâncias da vida entre militares da ativa, da reserva remunerada e reformados, ou seja, as regras e condutas estabelecidas no local de trabalho se mantêm no ambiente doméstico e de lazer.

Apesar de sabermos que as Forças Armadas expressam claramente a existência da hierarquia e disciplina em suas bases, Foucault (1987) afirma que a disciplina é o desdobramento do olhar, da vigilância que produz autocoerção, que adestra o sujeito, pois não há necessidade de vigilância constante para que o sujeito se sinta vigiado e que ela não pode ser identificada em uma única instituição, ela atravessa todas as espécies de aparelhos. No Art. 27 do Estatuto dos Militares são listadas ainda as manifestações essenciais do valor militar, sendo estes:

> I - o patriotismo, traduzido pela vontade inabalável de cumprir o dever militar e pelo solene juramento de fidelidade à Pátria até com o sacrifício da própria vida; II - o civismo e o culto das tradições históricas; III - a fé na missão elevada das Forças Armadas; IV - o espírito de corpo, orgulho do militar pela organização onde serve; V - o amor à profissão das armas e o entusiasmo com que é exercida; e VI - o aprimoramento técnico-profissional (BRASIL, 1980).

Percebe-se que as condições de trabalho que os militares estão submetidos apresentam características que são definidas, sobretudo, pelas normas e condutas da instituição militar. Essa estrutura rígida tem papel importante na organização e na forma como esses trabalhadores lidam com as divisões do trabalho e as tarefas a serem executadas. É essa obediência aos preceitos estabelecidos, onde as diferenças fazem parte do cotidiano hierárquico, que leva o trabalhador a cumprir as ordens com afinco para executar uma missão que lhe foi confiada e permanecer em estado de prontidão permanente. Esta adesão à missão

se manifesta, muitas vezes, através da dedicação absoluta ao trabalho que frequentemente ultrapassa os horários prescritos do expediente e invade o âmbito da vida privada, até mesmo quando o navio não está em viagem. Essa rotina pode trazer como consequência prejuízos à saúde física e mental desses militares.

3. "Homens de ferro" em navios de madeira

Julga-se importante detalhar uma dificuldade enfrentada pelos militares que trabalham no Navio Varredor, que não foram colocadas pela tripulação dos demais navios estudados. Esse navio, como já foi caracterizado na metodologia possui casco de madeira e tem a função de identificar minas submarinas. Ele apresenta uma capacidade inferior de armazenamento de água comparado aos demais navios e isso acaba restringindo toda a tripulação ao uso de água. A água armazenada serve tanto para fazer a alimentação, ingestão, higiene e resfriamento dos motores. Como podemos verificar a seguir:

> Minhas maiores dificuldades a bordo é o estado de "mareio", virtude do balanço do Navio e a falta de aguada a bordo por causa da capacidade restrita de armazenamento dos tanques a bordo devido ao tamanho do Navio, e esta água também é utilizada para resfriamento de alguns equipamentos essenciais de bordo, com isso, apenas em alguns horários específicos a água é aberta para os militares (Militar 1, Navio 3).

> Acho que a habitabilidade... É impossível dormir a bordo, o navio joga muito, ele já está velhinho também... Temos dificuldades para usar o banheiro, quando vamos para o mar o banheiro deixa de funcionar, pois temos que fechar algumas válvulas para controle da aguada e banho é uma vez por dia. Quando eu cheguei aqui no Navio, a primeira comissão do Navio foi para Morro de São Paulo e eu vindo de uma Fragata confortável, foi impactante, pois vi o Imediato do Navio subir a noite com o colchão para dormir no convés, pois os ar condicionados estavam quebrados e eu pensei, se o imediato que é oficial está sofrendo assim, imagina o restante... Foi a pior etapa que eu passei aqui, pois passamos quatro meses sem ar condicionado. Aqui o navio tem pouca aguada, quando vai para o mar, a água é utilizada para varias coisas, para a máquina, para o banho, para a comida, então temos que controlar... (Militar 4, Navio 3).

Outro fato relatado pelos militares que não foi citado nos outros navios estudados é em relação ao Tijupá. O local onde fica o oficial que está de serviço na navegação e o vigia do mar é coberto somente com um toldo, que não permite abrigar os militares da exposição ao sol e das tempestades que são recorrentes em alto mar. Para isso os militares utilizam protetor solar, boné, capas de chuva e óculos protetores, com a finalidade de amenizar as condições em que estão submetidos.

Portanto, diante das condições precárias de conforto e de higiene, muitas vezes ocasionados pelo racionamento de água, os militares que servem nesse Navio exemplificam nos seus dias de mar o sentido literal do "espírito de sacrifício", característica que é pregada na instituição como um valor do militar das forças armadas, no cumprimento do dever. De acordo com Minayo e colaboradores (2003) "a experiência cotidiana de enfrentar uma carga de trabalho, com escassez de pessoal e precariedade de meios, os obriga a improvisar e criar estratégias de defesa que nem sempre permitem dar respostas à altura" (MINAYO et al, 2003, p. 331). Dessa forma, compreender as condições de trabalho que estão submetidos esses militares, permite a definição de alternativas para a promoção da saúde e controle dos motivos de adoecimento.

4. O acometimento de doenças

Em relação acometimento de doenças, dos 15 militares entrevistados dois relataram ter perda de audição, dois possuir hérnias de disco e dois ter distúrbios musculoesqueléticos. Os militares com perda auditiva informaram que o navio possui ruído excessivo e todos eles afirmaram utilizar os EPI (Equipamentos de Proteção Individual).

> Eu acho que por esses 22 anos de embarque, eu tenho perda da audição do ouvido direito, por conta de diversos fatores... Eu não faço tratamento, porque eu fiz todos os exames no HNMD (Hospital Naval Marcilio Dias) e isso já é um problema antigo de 13 anos já... Eu não tenho restrição de embarque por conta disso... Eu não escuto nada no ouvido direito. Eu sempre usei EPI, para bater ferro eu sempre usei... Mas o Navio é muito barulhento, pode ter acontecido por isso essa lesão (Militar 2, Navio 2).

> Estou apto, faço todas as atividades, mas sinto um pouco o joelho. Eu tenho condropatia patelar e não foi no *Jiu Jitsu* que eu me machuquei, foi a bordo, mas não foi por falta de EPI, um galão veio rolando e bateu no meu joelho e não deu tempo de eu me safar. Eu fiz fisioterapia, to safo, mas não abuso (Militar 2, Navio 1).

Sabemos que a Norma Regulamentadora 15 (NR-15) do Ministério do Trabalho estabelece que o ruído seja um agente insalubre e obriga as empresas a controlarem os ambientes ruidosos de modo a minimizar os danos à saúde do trabalhador (BRASIL, 1978). Na Marinha do Brasil, o Manual da DSM (Diretoria de Saúde da Marinha) sobre Prevenção de Perda Auditiva Induzida por Ruído (PAIR) e Instruções para o Levantamento das Áreas de Ruído na Marinha do Brasil - DSM-4001 tem como propósito identificar áreas de risco para o pessoal da Marinha do Brasil e estabelecer medidas preventivas. Segundo o manual, os problemas se saúde causados pelos níveis de pressão sonora elevados, tanto a bordo como em terra, são crescentes. O perigo do ruído de impacto, oriundo de detonação ou propulsão, de

exposição contínua ou intermitente aos ruídos intensos, tais como os gerados por aeronaves, motores marítimos e atividades industriais, pode resultar em perda auditiva (DSM – 4001, 2006).

Na pesquisa documental, somente em um navio, identificaram-se quatro militares que precisaram se afastar por motivo de doenças. Todos eles tinham indicação médica de restrições de serviço armado, noturno e manobras operativas e estavam com comprometimento em sua saúde mental. O primeiro e o segundo laudo psicológico afirmavam que os pacientes estavam com transtornos mentais e comportamentais devido ao uso do álcool e episódios depressivos, o terceiro laudo apresentava o diagnóstico de episódios depressivos e o quarto apresentava transtornos delirantes persistentes, transtorno depressivo recorrente, transtorno de humor e transtorno fóbico. Nota-se que dos quatro militares afastados, dois apresentaram transtornos mentais e comportamentais devido ao uso do álcool.

Durante o século XX, o alcoolismo constituiu mundialmente o problema de saúde mental que acarretou maiores custos a países e empresas. Porém, apesar do grande interesse que estudiosos apresentam sobre a visão panorâmica da dependência alcoólica em uma cidade, região ou país, os estudos não analisaram a relação existente entre o alcoolismo e as características das situações e relações de trabalho (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Infelizmente, sabe-se que muitos trabalhadores podem ter comprometimentos na sua saúde mental e o uso do álcool aparece como um recurso de enfrentamento ao sofrimento psíquico e como possibilidade de expansão do sujeito, pois muitas vezes a alcoolização é uma parte de socialização.

Sabe-se que o trabalho marinheiro se caracteriza por afastamentos rotineiros do lar e movimentações para lugares distantes da identidade primária do sujeito, dessa forma o uso do álcool pode ser uma forma de integração social. Como cita Seligmann-Silva (2011):

> No caso de trabalhadores que migraram de outras regiões ou países e que vivem muitas vezes longe dos familiares em situações de desenraizamento cultural, a participação na "roda do bar" passa a ser uma forma de voltar a pertencer a um grupo, ter companhia, evitar a vivência penosa do isolamento e do sentir-se um estranho num mundo desconhecido (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 538).

O alcoolismo entre os militares da Marinha do Brasil, embora seja pouco discutido dentro da instituição e fora dela, faz parte de um problema significativo na vida do militar. A partir da criação, no ano de 1997, do Centro de Dependência Química (CEDEQ), do Hospital Central da Marinha (HCM), a temática passou a ser objeto de atenção especial e reconhecimento por parte da instituição (HALPERN e LEITE, 2012).

Um dia antes das Comissões, período em que os militares viajam por longos dias e terão rotinas de trabalho mais intensas, todos os respondentes da pesquisa afirmaram observar mudanças em seu comportamento. Os principais sentimentos apontados foram: ansiedade, insônia, preocupação, tristeza, tensão, angustia, saudade e apreensão. Muitos ainda sentem enjoo e mal estar no estômago um dia antes da viagem, como podemos observar nas afirmações a seguir: *"*Quando a viagem é longa eu sinto ansiedade. Nós vamos fazer agora a "Diplomex"[3], que são dois meses de comissão. Com certeza quando estiver perto do embarque estaremos com aquele nervoso e preocupação, aquele mal estar no estômago" (Militar 4, Navio 1); "As vezes um pouco ansioso, por conta das atividades que a gente tem que fazer, por conta do tempo que a gente vai passar no mar, o tempo que a gente vai passar longe de casa" (Militar 1, Navio 2); "Eu passo mal... Eu fico enjoado... acho que já estou mareando... Eu fico preocupado e acho que minha esposa fica mais ainda... Eu fico pedindo até que meu filho durma com a gente" (Militar 4, Navio 2); "Na noite anterior não consigo dormir direito, descansar, e normalmente na manhã do dia da comissão fico até mesmo muito enjoado com dificuldade até de me alimentar, tudo isso em função da ansiedade e tensão" (Militar 1, Navio 3).

Percebe-se que as queixas de enjoo e mal estar no estômago um dia antes da viagem são afirmações recorrentes. Segundo Dalgalarrondo (2000) a somatização pode representar uma forma de expressão do sofrimento psicossocial em pessoas que não conseguem reconhecer e verbalizar seus sentimentos. Para o autor o indivíduo consciente ou inconscientemente usa seu corpo para fins psicológicos e os sintomas mais comuns são dores difusas e sintomas gastrointestinais. Para os indivíduos com transtornos psicossomáticos, o sofrimento emocional ou as dificuldades da vida são experimentados também como sintomas físicos.

Durante as Comissões, os respondentes da pesquisa também afirmaram observar mudanças em seu comportamento. Os principais sentimentos apontados foram: insônia, ansiedade, saudade, tensão e angustia.

Somente dois militares alegaram que ficam tranquilos nas viagens, um aponta que a estratégia encontrada para essa tranquilidade é não pensar muito no que deixou em terra e o outro informa que possui uma rede familiar de apoio em Salvador, caso a sua esposa precise de alguma ajuda. Essa realidade não é comum, pois como uma característica do militar é o

[3] Nome dado a uma comissão ao exterior onde os navios cumprem uma programação de exercícios operacionais.

constante deslocamento geográfico, em muitos os casos as esposas, durante as ausências dos maridos militares, contam com o apoio somente das outras esposas.

5. A naturalização da cinetose e do mal do desembarque: trabalhar e marear

A partir das entrevistas foram elucidadas nas narrações várias questões em relação às principais dificuldades enfrentadas por esses militares, tais como: as condições do mar, os riscos de acidentes, a habitabilidade do navio, a ausência da família, a rotina cansativa e a falta de pessoal e material, contudo dentre todas as citações a que mais se destacou foi o mal-estar causado pelas condições do mar. Como podemos perceber nas falas:

> Eu mareio. Só o fato de eu passar mal, já é difícil pra mim. E no caso aqui do nosso navio como o timão não é piloto automático a gente fica às 4 horas de serviço em pé, e o navio balançando e no final da comissão os braços, as pernas, os joelhos e a coluna estão doendo (Militar 2, Navio 1).

> Adversidade de tempo, pra mim é a pior dificuldade. Pois você pode sair daqui para o Uruguai e pegar um "mar de Almirante", como você pode sair daqui e pegar um mar revolto que quase ninguém vai conseguir ficar em pé. Todo mundo se sentindo mal, tendo indisposições, vomitando mesmo... (Militar 4, Navio 1).

Os discursos tenderam a se repetir sobre as sensações causadas pelas condições do mar e esse fato chamou a atenção para uma doença ainda pouco explorada na literatura brasileira, chamada pelos especialistas como cinetose. Os sintomas mais habituais da cinetose são as náuseas e tonturas, causadas pelo efeito de movimento experimentado durante a navegação em qualquer meio de transporte. A doença é definida na Classificação Internacional das Doenças – CID 10, como T 75.3 (Doença causada pelo movimento).

Além da sensação de enjoo e tontura durante as viagens, alguns militares se queixaram dessas sensações permanecerem após o desembarque. Essa doença, conhecida pela literatura internacional como mal do desembarque (BROWN e BALOH, 1987), ocorre quando a habituação do movimento rítmico se torna resistente à readaptação em condições estáveis e resulta em uma percepção fantasma do auto movimento tipicamente descrito como balanço. De acordo com Farrell (2010) as pessoas com mal do desembarque normalmente relatam sensação constante de movimento, como se estivessem "balançando" após viagens de longa duração. O Mal de desembarque se difere da cinetose, porque as pessoas normalmente não possuem sintomas durante a viagem. Hoje, apesar de já ter se passado mais de 20 anos do reconhecimento da doença, estudos sobre as causas da persistência da doença em algumas pessoas ainda são insuficientes. De acordo com Cha (2009): "[...] pouco se sabe sobre a

prevalência da doença e como são os sintomas a longo prazo. Um inquérito imparcial de todos os passageiros que desembarcam de um cruzeiro ou em um voo longo de avião precisava ser realizado”(CHA, 2009, p. 8).

Embora não haja dúvidas que os sintomas da cinetose e do mal do desembarque acometam os marinheiros, não foi encontrada nenhuma referência dessas moléstias no Programa de Atenção às doenças profissionais da Diretoria de Saúde da Marinha do Brasil (DSM -1001, 2009). Além disso, o documento institucional não indica medidas preventivas ou curativas para os sintomas que foram narrados de forma naturalizada por todos os militares da pesquisa. Essas enfermidades também não foram reconhecidas como doenças ocupacionais pela Lei Orgânica da Saúde, quando em 2001 foi publicada a lista de doenças relacionadas ao trabalho pelo Ministério da Saúde (Manual de procedimentos para os serviços de saúde), apesar do nexo ser evidente na relação com o trabalho marinheiro.

Entretanto, a cinetose e o mal do desembarque acometem marinheiros de forma generalizada, porém encontra-se percebida como condição natural da vida no mar. Essa naturalização da ocorrência das doenças tem importantes implicações para a saúde, pois na medida em que esses militares não procuram ajuda médica para o tratamento e diagnóstico dos sintomas, o estabelecimento do nexo causal entre a doença e as atividades do trabalhador é dificultado.

A pesquisa aponta a necessidade da inclusão da cinetose e do mal do desembarque como doenças profissionais dos militares que trabalham embarcados na Marinha do Brasil, com intuito de promover ações voltadas à prevenção, rastreamento e diagnóstico precoce dos agravos à saúde relacionados ao trabalho.

6. Os cuidados com a saúde do militar embarcado

Como já foi sinalizado, o pressuposto que fundamenta a presente investigação está pautada na afirmação que o processo de trabalho a bordo de navios da Marinha do Brasil pode causar impactos na saúde dos trabalhadores nessas condições. Neste sentido foi solicitado aos entrevistados que informassem sobre o trabalho na instituição relacionando-o aos cuidados com a saúde. Em relação aos pontos negativos, uma questão importante apareceu em quase todos os depoimentos como podemos verificar a seguir: “O pessoal embarcado não tem prioridade no atendimento nos Hospitais. Isso é um erro... O pessoal embarcado, não tem prioridade nenhuma na Marinha. Fisioterapia, por exemplo, você viaja e não tem como ter um trabalho progressivo” (Militar 2, Navio 2); “Falta de assistência médica. A gente trabalha

embarcado, eu saio pra tomar conta do meu país, para fazer uma missão para o meu país, mas meu país não me assiste. Eu mesmo já desmarquei consultas pra viajar e o hospital marca pra 6 meses depois...” (Militar 5, Navio 2).

Percebemos que esses militares que servem embarcados nos meios operativos[4] possuem uma rotina de trabalho diferenciada dos demais usuários dos hospitais navais da Marinha do Brasil e mesmo assim não usufruem de nenhum tipo de prioridade nas marcações das consultas ou mesmo em um tratamento fisioterápico. Muitas vezes precisam adiar a ida ao médico ou mesmo a um tratamento necessário por estarem, com frequência, em Comissões, ou, quando em terra, pela intensa rotina de preparação do navio para habilitá-lo à Comissão seguinte.

No Manual para Aplicação dos Programas de Saúde da Marinha – DSM 1001, em seu Capítulo 14 é descrito o objetivo do Programa de Atenção às doenças profissionais da Diretoria de Saúde da Marinha. Nele, afirma-se que o Programa deverá atuar por meio de um conjunto de ações coordenadas e multidisciplinares, visando prevenir as doenças relacionadas ao trabalho, sugerir as modificações ambientais, possibilitar as modificações de hábitos de vida, verificar a higidez do continente militar, não só com os exames periciais de rotina, mas também com atividades de promoção da saúde.

Como podemos perceber não faltam normas na Marinha do Brasil que recomendam ações direcionadas à saúde do trabalhador, porém percebemos na fala dos militares estudados que o simples acesso a uma consulta médica rotineira já é um desafio institucional no que tange a promoção da saúde do militar embarcado.

Os militares embarcados sinalizaram também como pontos negativos relacionados à saúde, o ambiente insalubre, as atividades de risco, a inalação de gases dos combustíveis e outras substâncias, o contato com solventes, a rotina, os ruídos do navio, o ambiente tenso e o transporte de pesos, como podemos perceber nas falas a seguir:

> O navio ele é uma máquina. Acaba sendo insalubre, por ter uma quantidade de material inflamável, combustível, você está num ambiente confinado com muitas pessoas e se alguma delas estiver com uma gripe, uma virose, o risco de contaminar os demais é maior. A própria atividade real de você transportar uma carga, resgatar uma pessoa, fazer uma abordagem a uma embarcação, todas essas atividades existem riscos, por mais que você minimize, existe risco, você retirar uma vitima de um acidente do navio por uma escada, um guindaste, a atividade embarcada ela é uma atividade que tem risco maior que se tivesse servindo num prédio, independente em qual tipo de navio ou embarcação ela é arriscada (Militar 3, Navio 1).

[4] Entende-se como meios operativos, os navios, submarinos e aeronaves que executam as operações navais de guerra da Marinha do Brasil.

> Ah esses nossos beliches... Você dorme uma noite nesses beliches, no outro dia acorda com a coluna toda dolorida, que acaba com a saúde. A vida embarcada em si é muito prejudicial à saúde. Você acaba inalando gases de combustíveis, de queima de combustíveis... o próprio balanço do mar você fica o dia todo indisposto, vomitando, e o próprio balanço do mar você coloca força numa perna e força a musculatura do seu joelho. A maioria dos militares sentem dores na coluna, dores no joelho, mais por essa parte... Eu às vezes tenho que fazer massagem e tomar anti-inflamatório pra aliviar essas dores (Militar 4, Navio 1).

Durante a permanência da pesquisadora nos navios estudados, percebeu-se que a utilização de EPI que inclui o macacão operativo, as botas, o colete salva-vidas, o protetor auditivo, óculos, luvas, capacete é realizada de forma natural nas diversas tarefas e exercícios realizados pela tripulação, porém mesmo com toda a proteção um militar relatou o risco que todos estão submetidos no navio.

> Nós corremos perigo de vida. No momento da partida dos motores, ele pode ter uma sobre velocidade, pode disparar, pode pular uma "cabeça" ali, pode sair uma válvula de ar comprimido, pode estourar um cilindro de ar comprimido, tudo são riscos, para que esse risco diminua temos que fazer manutenção sempre. As peças são desde 1972 (Militar 3, Navio 3).

Quando questionados sobre os pontos positivos do trabalho na Marinha do Brasil relacionados aos cuidados com saúde, um ponto comum entre os entrevistados foi em relação à inspeção de saúde. Todos os militares são obrigados a realizar inspeções de saúde trienais e os militares que executam atividades especiais, com elevado grau de higidez psicofísica a inspeção de saúde é anual. Os militares que dão serviço em praça de máquinas, que operam com fontes ionizantes e manuseio de *"otto fuel II"* e explosivos o controle também é anual (DGPM 406-5ª Rev, 2012).

Fazendo uma analogia ao estudo de Dejours (1992), quando se refere aos pilotos de caça, é possível afirmar que:

> O funcionamento homem-máquina exige perfeição. A menor falha neste mecanismo complexo pode, em uma fração de segundo, significar a morte. Se o altímetro der uma indicação errada, se o horizonte artificial desviar lentamente, se aparecer um escapamento de óleo, se o piloto sucumbir a um instante de distração, se sua vigilância for neutralizada por um segundo por causa de uma aceleração mal tolerada, se ele hesitar em um procedimento em caso de incidente, se ele se perturbar com uma ordem mal anunciada pelo chefe de patrulha, se estiver um pouco "tenso" em razão de algum acontecimento familiar... Qualquer um destes elementos pode levá-lo à morte (DEJOURS, 1992, p. 82).

Neste sentido, é importante salientar que a exigência do bom desempenho na relação homem-máquina já inicia através da rigorosa seleção dos militares, pois são exigidos homens

que se adaptem as condições de trabalho, ao treinamento continuado e a pressão exercida pelo constante risco. Por condição de trabalho é importante analisarmos o ambiente físico, o ambiente químico, o ambiente biológico e as condições de higiene e de segurança do local de trabalho. De acordo com Silva e Santana (2000):

> Atividades ocupacionais das corporações militares são diferentes do padrão encontrado na população geral e podem ser a origem de exposições a carcinógenos confirmados, como o asbestos, solventes orgânicos, óleos lubrificantes e radiações não ionizantes ou a carcinógenos potenciais como as poeiras de metais, fumaças, gases, diesel, solventes inorgânicos e radiações ionizantes. Além disso, é possível que exposições sejam de maior intensidade no interior de navios, onde as dimensões dos ambientes de trabalho são reduzidas e a ventilação nem sempre é adequada (SILVA ; SANTANA, 2000, p. 374).

A partir desses pressupostos, nota-se que essa categoria profissional está submetida a um modelo específico de organização do trabalho, o qual contém elementos ambientais que exercem influências multideterminadas na saúde dos trabalhadores.

A literatura científica descreve os benefícios à saúde que a atividade física provoca no ser humano. A aptidão física é um atributo desejável para o militar das Forças Armadas. O Treinamento Físico Militar (TFM) na Marinha do Brasil busca o condicionamento físico dos militares direcionado à saúde e a sua prática é indicada pelas Normas sobre treinamento físico militar (CGCFN-15, 2009) no mínimo três dias na semana, de preferência pela manhã. A Organização Militar e o Comandante devem ter a responsabilidade de oferecer as condições necessárias à execução do TFM.

A maior parte dos militares entrevistados relatou praticarem exercícios físicos após o expediente ou no horário do almoço, quando não estão muito cansados da rotina do navio, como os exemplos a seguir: “Pratico pouco... O ritmo de trabalho no navio é muito puxado, quando não estou muito cansado faço alguma atividade após chegar do trabalho” (Militar 1, Navio 3); “Eu pratico muito pouco... Chega a noite a gente já está cansado... Não consegue fazer muito por causa das atividades do navio” (Militar 2, Navio 3); “Eu pratico pouco. Eu vou uma ou duas vezes por semana, às vezes eu nem vou para o TFM, devido ao cansaço do trabalho” (Militar 4, Navio 3).

É possível que a intensa rotina desses meios operativos impossibilite a prática de exercícios físicos durante os horários previstos para o TFM. Faz-se necessário que os navios se planejem de modo a estabelecer um horário fixo de TFM nas rotinas diárias, comum a toda a tripulação, dando-se igualdade de condições para o alcance de níveis satisfatórios de aptidão física.

7. As estratégias utilizadas para lidar com as dificuldades

As dificuldades já inerentes ao exercício profissional são potencializadas e, se não observadas sob olhar atento e cuidadoso podem trazer inúmeros prejuízos a nível individual e organizacional. Neste cenário, a cultura organizacional, hierarquizada e consolidada não permite movimentos mais significativos no que tange a mudança no modo de organização do trabalho, porém sob o olhar da psicodinâmica do trabalho, Dejours (1992) informa que existem estratégias individuais desprendidas para o confronto com a organização, que influenciam diretamente a forma como o sujeito trabalhador se relaciona com os fenômenos do trabalho, que podem potencializar o sofrimento e o adoecimento, ou permear uma relação saudável e criativa. Dejours (1992) explica que o adoecimento só acontece quando os trabalhadores não conseguem utilizar estratégias para dar conta das adversidades da organização do trabalho.

As falas apontaram que a maior parte dos militares para não sentirem náuseas e tonturas em razão do balanço do navio utilizam medicamentos, caminham no convés externo ou deitam em seus beliches. Em relação às dores nas articulações, muitas vezes ocasionadas pelo serviço em pé, carregamento de pesos ou o próprio balanço do navio, os militares afirmaram usar utensílios paliativos, como palmilha de gel, meias compressoras e botas mais confortáveis. Como podemos perceber nas narrativas a seguir:

> Eu comprei uma palmilha de Gel pra dar uma aliviada no calcanhar, comprei uma bota que não é paga pela marinha, é por fora, que é mais confortável. Comprei aquela meia "Kendall" pra não dar dor nas pernas e varizes. Em relação ao enjoo eu tomo remédio para enjoo. Mas agora eu já estou bem mais acostumado, só tomo o remédio no primeiro dia e depois tá tranquilo. A melhor coisa pra fazer quando se está mareado é deitar e dormir. Eu tomo remédio "Stugeron" de "gaiato" mesmo. É um remédio de labirintite que os mais antigos vão passando a experiência pra gente (Militar 2, Navio 1).

> Como as dificuldades são inerentes ao bem estar físico, dos tripulantes do navio, os recursos são poucos pra que eu possa lidar com isso. Mas, principalmente existem alguns remédios que você pode tentar controlar o mal estar, é existem, em horários definidos ali, principalmente durante o dia, a noite não, tentar dar uma caminhada pelo convés externo, conversar com outros militares no convés externo, tomar um sol, interagir com os outros tripulantes, pois quando o navio tá balançando muito e a gente passando mal, não tem muito o que fazer não (Militar 1, Navio 2).

> A gente se auto planeja com remédios, roupas, levar material, levar roupas... As dificuldades são minimizadas. A gente acaba tendo muita experiência. Eu sei que se eu não tomar o "Dramin" e o "Stugeron" juntos em pé eu não fico (Militar 5, Navio 1).

Nas falas fica evidente a automedicação. A automedicação ocorre quando os remédios são usados por conta própria ou por indicação de outras pessoas não habilitadas, sem a avaliação de um profissional de saúde. O uso do "Stugeron" por exemplo é uma tradição na Marinha. Essa medicação é passada nos corredores dos navios pelos militares mais antigos para minimizar os sintomas causados pela cinetose e do mal do desembarque, sem um devido acompanhamento médico.

Em relação à alimentação, alguns militares informaram que levam alguns alimentos para complementar as refeições servidas no navio e para passar o tempo e tentar relaxar um pouco utilizam da leitura ou escutam música. Quanto à saudade de seus familiares, os militares informaram que utilizam a *internet* e telefone quando estão no porto. Para prevenção de acidentes e exposições diversas todos os militares afirmaram utilizar os EPI.

Os militares do Navio Varredor, que possuem restrição de água relataram levar lenços umedecidos para higiene pessoal e também utilizarem a bordo material descartável para não precisar lavar as louças e assim economizarem a água do pequeno reservatório existente a bordo.

8. O trabalho como uma fonte de significados

Quando solicitado aos militares que definissem o trabalho que realizam, todos eles demonstraram orgulho de suas tarefas laborativas. As principais definições apontadas para o trabalho foram: importante, gratificante, necessário, útil, bom, de extrema responsabilidade.

> Eu defino o meu trabalho como um trabalho importante para o país quando eu saio pra fazer uma patrulha, eu defino meu trabalho como importante pra sociedade, não só pra sociedade brasileira, mas para a sociedade mundial. Há um tempo eu salvei um senegalês. Um homem que estava em um navio em alto mar com gangrena nas mãos por causa do gelo que serve para conservar os pescados e ele poderia ter morrido com aquilo e a gente salvou ele. Eu me sinto muito útil por isso também e considero que o meu trabalho é silencioso porque muito daquilo que eu faço não chega à mídia, não é divulgado e às vezes até questionado o porquê que o Brasil gasta dinheiro com as Forças Armadas. E eu tenho consciência que o meu trabalho é importante e bastante importante (Militar 1, Navio 2).

O trabalho do militar na Marinha do Brasil como uma fonte de significados pode ser uma das razões pelas quais o trabalhador não perca o desejo de continuar produzindo e o ato de produzir permite um reconhecimento como alguém que existe e tem uma importância na vida do outro. Segundo Mendes e Marrone (2002), o trabalho pode ser um movimento de luta

do trabalhador para busca constante de prazer e evitação do sofrimento, com a finalidade de manter seu equilíbrio psíquico.

Percebe-se que existe uma relação antagônica, pois ao mesmo tempo em que sofrem impactos na saúde e demais aspectos da vida social, sentem-se úteis e orgulhosos por estarem cumprindo uma missão e atuarem numa área importante para o país. Para Dejours (1992), o sentido do trabalho é formado por dois componentes: o conteúdo significativo em relação ao sujeito e o conteúdo significativo em reação ao objeto. Ou seja, segundo o autor, o trabalho precisa fazer sentido para o próprio sujeito, para seus pares e para a sociedade. Um relato emocionado de um militar, explica bem a teoria defendida por Dejours (1992). O militar descreve a experiência no resgate do avião operado pela companhia francesa *Air France* que caiu no Oceano Atlântico no dia 31 de maio de 2009, a cerca de 600 quilômetros de Fernando de Noronha, matando as 228 pessoas a bordo.

Todos os militares embarcados que participaram desse estudo fizeram alusão a satisfação que levam consigo, independente de todas as dificuldades da profissão. A fala de um militar da Corveta Caboclo traduz o orgulho da profissão que a grande maioria tem e quanto sentido este trabalho que realizam dá às suas vidas. E é com ela que encerramos esse artigo.

> Lembro-me como se fosse hoje, nós estávamos vindo de uma comissão longa e retornando da África, estávamos saindo de Maceió pra chegar a Salvador. E então recebemos uma mensagem [...]. E na época o imediato fez um trabalho de conscientização da importância que era a missão e que tínhamos chance de salvar as pessoas, de buscar sobreviventes. Todos incorporaram aquilo ali, toda a tripulação, como de fato foi uma operação real mesmo. E o pessoal não ligou para a questão do desconforto, de dar serviço um por um, acabar o mantimento, de ficar as madrugadas acordado, nós ficamos 20 dias lá e todo mundo que estava de serviço e o que não estava de serviço ficava no convés procurando os corpos. Foi uma experiência marcante, bem marcante pelo fato do que a gente viu no local e a importância que era para os familiares das vitimas que tinham esperança de encontrarmos algum sobrevivente. A gente estava perdendo nosso conforto, não tinha hora de descanso, a gente suportou a falta de comida, de água, mas as famílias estavam perdendo as pessoas que eles mais amavam (Militar 4, Navio 1).

CONCLUSÕES

A análise descritiva da realidade psicossocial dos militares embarcados, onde histórias de vida singulares foram apreendidas indica impressões significativas da representação social da Marinha na vida destes militares. O simbolismo da carreira militar e o status social a ela conectado implicam em estratégias coletivas para enfrentamento das dificuldades inerentes a esta atividade profissional, já que a independência financeira e estabilidade, proporcionados pela carreira, vêm acompanhas da carência afetiva e instabilidade emocional, em função dos

afastamentos prolongados da família e do meio social. A vida compartilhada vinte e quatro horas por dia, sem mesmo uma demarcação simbólica entre o público, representativo do trabalho, e o privado, da vida pessoal, faz da convivência uma estratégia de sobrevivência. Apoiando e sendo apoiado pelo "campanha"[5], o militar embarcado canaliza seus recursos pessoais para continuar "empurrando água"[6] até o próximo porto.

Adaptado a um sistema de regras fortemente instituído, sob os traços de uma gestão militar, estes servidores não apresentam queixas quanto à rigidez da hierarquia e disciplina a qual estão submetidos, mas mostram-se significativamente carentes do suporte familiar e social. Ao mesmo tempo em que sentem orgulho de vestir a farda e poder desempenhar as funções que lhe cabem, sentem-se desvalorizados pela sociedade a qual servem e juraram fidelidade até com o sacrifício da própria vida. Acredita-se que um dos condicionantes para estas mudanças, seja a divulgação do trabalho realizado pela Marinha do Brasil em meios de comunicação externos a Instituição.

A falta de pessoal necessário dentro do navio para desempenhar as diversas funções a bordo faz com que esses militares acumulem "fainas"[7] e encargos colaterais e fiquem depois do horário da licença todos os dias para dar conta das tarefas. O período de descanso desse grupo durante os embarques se mostrou desfavorável, já que esses militares ficam imersos ao ambiente de trabalho mesmo fora do horário de serviço.

Levando em conta os aspectos avaliados nessa investigação, a pesquisa revelou que as dificuldades mais adversas do trabalho embarcado foram as condições do mar, os riscos de acidentes, a habitabilidade do navio, a ausência da família e a rotina cansativa.

Em relação às condições do mar, o estudo destaca a cinetose e o mal do desembarque como doenças que embora sejam pouco discutidas dentro da instituição e fora dela, fazem parte da rotina dos marinheiros. Indica-se a necessidade do reconhecimento dessas enfermidades como doenças ocupacionais, dadas às peculiaridades das principais atividades operativas da Marinha do Brasil que envolvem a navegação em alto mar. Desse modo, faz se necessário um Programa de prevenção que tenha por base a ação de profissionais especializados de maneira a reconhecer, avaliar e orientar os militares embarcados a adoção de medidas que atenuem os principais sintomas.

Os militares embarcados sinalizaram também como pontos negativos relacionados à saúde, o ambiente insalubre, as atividades de risco, a inalação de gases dos combustíveis e

[5] Dialeto utilizado na Marinha do Brasil para caracterizar um amigo próximo.
[6] Expressão muito utilizada pelos marinheiros para descrever a navegação, ou seja, "empurrar água" significa navegar.
[7] Expressão utilizada pelos marinheiros para descrever as tarefas que precisam executar.

outras substâncias, o contato com solventes, a rotina, os ruídos do navio, o ambiente tenso e o transporte de pesos.

Outro fator que merece ênfase relacionada à saúde são as mudanças de comportamento que acometem os militares no período pré-embarque e durante o embarque tais como: ansiedade, insônia, preocupação, tristeza, tensão, angustia, saudade e apreensão. Em relação ao acometimento de doenças entre os militares da pesquisa, destacou-se a perda da audição, as hérnias de disco e os distúrbios musculoesqueléticos. Dentre os militares que estavam afastados por motivo de doença, apresentaram-se como causa os transtornos mentais e comportamentais devido ao uso do álcool, episódios depressivos, transtornos delirantes persistentes, transtorno depressivo recorrente, transtorno de humor e transtorno fóbico ansioso.

Inclui-se também como fatores adversos, a frustração em relação aos benefícios trabalhistas perdidos e os ainda não conquistados para esse grupo, como o adicional de compensação orgânica**,** tendo em vista as condições especiais de trabalho, em meio aos riscos inerentes à proximidade de munição, combustíveis, radiações eletromagnéticas e condições insalubres. Cabe destacar também, a deficiência dos atendimentos médicos nos Hospitais Navais para esse grupo de militares tão prejudicados pela ausência de planejamento em sua rotina.

Portanto, esse estudo revelou que a hipótese apresentada para investigação tem consonância com a realidade e que o processo de trabalho em navios operativos da Marinha do Brasil causa impactos na saúde dos militares e necessita de melhor suporte no que tange a promoção e prevenção da saúde, em decorrência das peculiaridades ambientais e dos riscos inerentes às atividades desenvolvidas.

Esse estudo não pretende esgotar essa discussão, mas apenas colocar em evidência a importância dos assuntos nele apresentados e discutidos. Espera-se que as questões levantadas nesta pesquisa ensejem novos esforços científicos sobre a temática descrita, para o aprimoramento dos serviços já existentes na Marinha do Brasil relacionados à saúde e qualidade de vida de seus trabalhadores para que os nossos marinheiros naveguem sempre com bons ventos e mares tranquilos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvia Capanema P. de. Corpo, saúde e alimentação na Marinha de Guerra brasileira no período pós-abolição, 1890-1910. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, supl.1, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702012000500002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1º mar. 2014.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1999.

BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **Normas sobre Treinamento Físico Militar, teste de avaliação física e teste de suficiência física – CGCFN -15**. Rio de Janeiro: CGCFN, 2009.

_____. Conselho Nacional de Saúde**. Resolução CNS 466/12.** Brasília, DF, 2012.

_____. Diretoria de Saúde da Marinha. **Manual para Aplicação dos Programas de Saúde da Marinha – DSM-1001**. Rio de Janeiro: DSM, 2009.

_____. Diretoria de Saúde da Marinha. **Manual sobre prevenção de perda auditiva induzida por ruído e instruções para levantamento das áreas de ruído na Marinha do Brasil – DSM- 4001**. Rio de Janeiro: DSM, 2006.

_____. Diretoria-Geral do Pessoal da Marinha. **Normas Reguladoras para inspeções de saúde na Marinha do Brasil – DGPM-406.** 5ª Rev. Rio de Janeiro: DSM, 2012.

_____. **Lei n. 6.880,** de 9 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. Brasília, DF, 1980.

_____. **Medida Provisória nº 2.215-10**, de 31 de agosto de 2001. Dispõe sobre a reestruturação da Remuneração dos Militares das Forças Armadas. Brasília, DF, 2001.

_____. Ministério da Saúde do Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho: Manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Organizado por Elizabeth Costa Dias; Colaboradores Idelberto Muniz Almeida et al. Brasília, DF, 2001.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Norma Regulamentadora Nº 15 - Atividades e Operações Insalubres.** Portaria MTB n.º 3214**,** de 08 de junho de 1978. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 6 jul. 1978. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/legislacao/normas-regulamentadoras-1.htm>. Acesso em: 24 mar. 2014.

BROWN, J.J, BALOH, R.W**. Persistent mal de debarquement syndrome: a motion-induced subjective disorder of balance**. American Journal of Otolaryngology. United States of America, Vol.1, p. 219-22,1987. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-3631419 >Acesso em: 01 mar 2015.

CHA, Yoon.-Hee. **Mal de Debarquement**. Seminars in Neurology, Los Angeles, 29(5), p. 520–527, 2009. doi:10.1055/s-0029-1241038.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

FARRELL, Lisa. **Mal de Debarquement**. Tradução de Camilla Cavassim. American Physical Therapy Association - Neurologgy Section. USA, 2010. Disponível em: http://www.neuropt.org/docs/vsig-portuguese-pt-fact-sheets/mal-de-debarquement-mal-do-desembarque.pdf?sfvrsn=2 Acesso em:15 mar. 2015

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FRUTUOSO, R.A.M. **Beribéri: revisão histórica e documental na Marinha do Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Brasileiro Médico Naval, 2010.

HALPERN, Elizabeth; LEITE, Ligia Maria Costa. A farda "siri cozido" e a "branquinha": narrativas de vida de um paciente militar alcoolista. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 65-80, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/49622>. Acesso em: 15 de Julho. 2014.

LEIRNER, P. **Meia Volta Volver – um estudo antropológico sobre a hierarquia militar**, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

MARINHA DO BRASIL. Comando do 2º Distrito Naval. **Estrutura organizacional**. Brasília, 2014a. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br>. Acesso em: 1º jan. 2014.

_____. Comando do 2º Distrito Naval. **Histórico do Comando do 2º Distrito Naval**. Brasília, 2014b. Disponível em:<https://www.marinha.mil.br> Acesso em: 2 jan. 2014.

_____. Comando da Marinha. **História Naval**. Brasília, 2013. Disponível em: < https://www.marinha.mil.br>Acesso em: 20 dez. 2013.

MENDES. A.M; MARRONE, C.F. Vivências de prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In: MENDES, A.M; BORGES, L.O; FERREIRA, M.C. (Org). **Trabalho em transição, saúde em risco**. p.26-42 Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Hermenêutica: dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza de; DESLANDES, Suely Ferreira (Org). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013. p. 83-107.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília Souza: ASSIS, S.G.: SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilza Ramos de. (Orgs.). **Missão investigar: Entre o ideal e a realidade de ser policial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **CID-10 : Classificação Internacional de Doenças**. 1ª ed .São Paulo: EDUSP, 1994.

RAMAZZINI, Bernardino. **As doenças dos trabalhadores**. 3. ed. São Paulo: Fundacentro, 2000.

ROBERTS, S.E.; MARLOW, P. B. Traumatic work related mortality among seafarers employed in British merchant shipping, 1976-2002. **Occupational and Environmental Medicine**, London, v. 62, p. 172-180, 2005. doi:10.1136/oem.2003.012377.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Marlene; SANTANA, Vilma S; LOOMIS, Dana. **Mortalidade por câncer em militares da Marinha do Brasil**. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 4, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102000000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jul 2013.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ARTIGO II

CONFINAMENTO EM ALTO MAR DE MILITARES DA MARINHA DO BRASIL E OS IMPACTOS NA VIDA SOCIAL

Ana Carolina Nascimento de Albuquerque Ramos

RESUMO

O confinamento representa uma característica central do trabalho embarcado na Marinha do Brasil. Ser militar da Marinha não é somente viver fora da costa desempenhando funções constitucionais; é também viver fora das relações afetivas e familiares durante um período maior que os demais trabalhadores. O objetivo deste estudo é compreender os impactos do confinamento, na vida social desses militares e como essa característica do trabalho se configura no ambiente de trabalho e fora dele. A abordagem metodológica utilizada na pesquisa foi qualitativa e seguiu duas etapas: a realização de entrevistas e a pesquisa documental. Este estudo revelou que a hipótese apresentada para a investigação tem consonância com a realidade e que o processo de trabalho em navios operativos da Marinha do Brasil causa impactos na vida social de seus militares. A pesquisa apontou ainda que esse fato pode trazer prejuízos, como a perda da identidade, o isolamento e o sentimento de inutilidade num período sensível da vida - a aposentadoria - quando esses militares retornam à convivência mais intensa com a família e com a sociedade. Este estudo corrobora a importância de uma proposta de intervenção que legitime a manutenção/promoção da saúde do trabalhador, sem deixar de considerar as peculiaridades da carreira militar. Acredita-se que a discussão das questões levantadas, principalmente pelos profissionais que atuam na Marinha do Brasil nos Núcleos de Assistência Integrada, com a participação dos militares e de seus familiares, poderá contribuir para o planejamento, execução e aprimoramento de projetos voltados para melhoria da qualidade de vida e saúde do pessoal embarcado.

Palavras – chave: Marinha do Brasil, Militares, Confinamento, Vida social.

ABSTRACT

Confinement is a central characteristic of the on-board work in the Brazilian Navy. Being a Navy military is not only living off the coast performing their constitutional functions, but also living away from affective relationships and relatives over a period longer than the other workers. The aim of this study is to understand the impacts of the confinement on social life of these militaries and how this characteristic of on-board work is configured in the workplace and outside. The methodological approach used in this research was qualitative and followed two stages: interviews and documentary research. This study revealed that the hypothesis presented for research is consistent with the reality and that the work process in operative vessels of the Brazilian Navy has an impact on the social life of their militaries. The survey also pointed out that this fact may cause damages such as loss of identity, isolation and the feeling of worthlessness in a sensitive period of their lives - retirement - when those militaries return to a more intense interaction with their families and society. This study confirms the importance of a proposal for intervention to legitimize the maintenance / promotion of workers' health, while considering the peculiarities of the military career. It is believed that the discussion of the raised issues, especially by professionals working in the Brazilian Navy in the Integrated Service Centers, with the participation of the military and their families, may contribute to the planning, implementation and improvement of projects to improve the quality of life and health of the on-board crew.

Keywords: Brazilian Navy, Military personnel, Confinement, Social Life.

INTRODUÇÃO

O mundo do trabalho configura-se em um contexto de inúmeras transformações sociais, políticas e econômicas que, inevitavelmente, produzem reflexos no comportamento e relacionamentos humanos.

Na esfera das Organizações Militares, em especial da Marinha do Brasil, as peculiaridades da carreira militar e as milhas que distanciam os "homens do mar", do convívio social configuram um espaço de desafio no que tange à promoção da qualidade de vida e saúde destes Servidores da Pátria[8]. Paradoxalmente, esses militares que servem embarcados nos meios operativos[9] são os que têm maior dificuldade no acesso aos programas nas áreas de qualidade de vida e saúde da Marinha, seja por estarem, com frequência, em Comissões quando estes projetos se realizam ou quando em terra, pela intensa rotina de preparação do navio para habilitá-lo à Comissão seguinte.

A noção de qualidade de vida é pulverizada, cada vez mais, no imaginário social, como um objetivo a ser alcançado tanto a nível individual quanto organizacional. Este desafio contemporâneo adquire contornos específicos em cada ambiente de trabalho, em função dos signos e significados compartilhados por cada cultura. Para Limongi-França (2010), a Qualidade de Vida no Trabalho na sociedade pós-industrial envolve os seguintes elementos: vínculos e estrutura da vida pessoal, fatores socioeconômicos, metas empresarias e pressões organizacionais. Já Minayo, Hartz e Buss (2000) abordando a qualidade de vida numa visão mais ampla acrescentam que "em todas as sondagens feitas sobre qualidade de vida, valores não materiais, como amor, liberdade, solidariedade e inserção social, realização pessoal e felicidade, compõem sua concepção" (MINAYO, HARTZ e BUSS, 2000, p. 4).

Uma das características da prática profissional do militar da Marinha do Brasil é permanecer por longos períodos afastados da família, em dedicação ao trabalho. Percebe- se que o trabalho exerce uma centralidade na vida desses trabalhadores e a composição da noção de qualidade de vida construída por eles, "movimenta-se na dialética de quem olha o mundo a partir de uma janela, onde a profissão cria as cores e as nuances da paisagem da casa, do bairro, da vida associativa e dos projetos do futuro" (MINAYO e SOUZA, 2003, p.293).

As operações no mar, mesmo em tempos de paz, são consideradas um exercício de

---

[8] Os militares fazem um solene juramento de fidelidade à Pátria até com o sacrifício da própria vida**,** por isso são chamados Servidores da Pátria.

[9] Entende-se como meios operativos, os navios, submarinos e aeronaves que executam as operações navais de guerra da Marinha do Brasil.

operação de guerra e não é permitida a tripulação o uso de aparelhos de telefonia móvel, mesmo que o navio esteja navegando próximo à costa e haja sinal para a comunicação. Esse uso é permitido somente ao Comandante do Navio que pode antecipar a presença de "forças inimigas" e desenvolver planos de contingências para eliminar estas ameaças. Alguns navios da Marinha do Brasil possuem uma rede de comunicações que funcionam através do satélite e se limitam ao recebimento e envio de mensagens institucionais e telefonemas emergenciais. Todos esses cuidados fazem parte das orientações do Guia de Guerra Naval (2000) que determina a segurança das informações, para que a operação consiga êxito e o navio, em Guerra não seja detectado e atingido por seus inimigos.

E é importante salientar que no período de formação os militares passam também por certo distanciamento da sociedade, pois tanto na Escola Naval, instituição formadora dos oficiais da Marinha, quanto nas Escolas de Aprendizes de Marinheiros, instituição formadora do corpo de praças da armada, os alunos permanecem em regime de internato durante toda a semana, sendo liberados somente aos finais de semana para realizar as atividades de lazer e ver a família. Como analisa Lins (2012):

> Os jovens entravam ainda muito cedo e ficavam muitas vezes longe de suas famílias, com rígidas regras disciplinares a serem cumpridas por todos em longos períodos de afastamento de uma vida externa, seja pelo confinamento no quartel, seja pelas viagens de instrução em que o oceano era único diálogo com o mundo externo. Pode-se dizer que viviam uma situação de expropriação de sua autonomia e de suas relações sociais mais amplas. (LINS, 2012, p. 20).

O presente artigo propõe compreender os impactos do confinamento na vida social desses militares e como essa característica do trabalho embarcado se configura no ambiente de trabalho e fora dele. A vida social aqui estudada é a maneira que o indivíduo interage com a sociedade, através das suas relações sociais e atividades desenvolvidas. O fio condutor dessa reflexão surge a partir da necessidade de se pensar e repensar uma proposta de intervenção que corrobore com a manutenção/promoção da saúde e qualidade de vida do trabalhador, sem deixar de considerar as especificidades dos sujeitos estudados, composta por militares da Marinha do Brasil que trabalham embarcados em Navios e precisam se afastar rotineiramente dos demais espaços sociais para cumprirem suas missões operativas no mar.

METODOLOGIA

A abordagem deste estudo é qualitativa, por buscar descrever a complexidade do problema, especialmente na esfera subjetiva, do tipo descritivo, pois apresentam as características, propriedades ou relações existentes na realidade pesquisada, com caráter exploratório porque faz a descrição precisa da situação na busca de descobrir relações existentes. Segundo Minayo (2008) a abordagem qualitativa considera:

> o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esses conjuntos de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingui não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada por seus semelhantes (MINAYO, 2008, p. 21).

Dessa maneira, a metodologia científica busca ultrapassar o senso comum e permite que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, através de uma categorização que une dialeticamente a fundamentação teórica e o empírico.

O presente estudo teve como participantes da pesquisa militares da Marinha do Brasil embarcados nos meios operativos subordinados ao Comando do Segundo Distrito Naval (Com2° DN). A área jurisdicional do Com2° DN abrange mais de 1.100.000 quilômetros quadrados, aproximadamente 14% do território brasileiro, com cerca de mil quilômetros de confrontação com o Oceano Atlântico. A área terrestre sob jurisdição do Com2° DN é cortada pelo Rio São Francisco desde Pirapora-MG a Juazeiro-BA. O Com2° DN é o órgão do Comando da Marinha do Brasil que se destina, na sua área de jurisdição, a: controlar o tráfego marítimo; coordenar e prover apoio logístico às Forças em Operações; propiciar a defesa da área em cooperação com os órgãos competentes do Exército e da Força Aérea (Patrulha Naval e a Defesa do Portos) e realizar o socorro marítimo (MARINHA DO BRASIL, 2014).

Os navios que estão subordinados ao Com2º DN são de três tipos diferentes, sendo estas: uma Corveta da Classe Imperial Marinheiro (Corveta Caboclo – V-19), três Navios Patrulha, sendo dois da Classe Grajaú (Navio de Patrulha Guaratuba – P-50 e Navio de Patrulha Gravataí – P-51) e um da Classe Marlim (Aviso de Patrulha Dourado – LP-03) e seis Navios Varredor da Classe Aratu (Navio Varredor Aratu, Navio Varredor Anhatomirim, Navio Varredor Atalaia, Navio Varredor Araçatuba, Navio Varredor Abrolhos, Navio Varredor Albardão).

A presente pesquisa propôs inicialmente uma amostra qualitativa de seis participantes que pertençam à tripulação de cada navio escolhido, sendo estes um Navio Varredor, um

Navio Patrulha e uma Corveta, pois pretendeu-se contemplar todos os tipos de navios subordinados ao Com 2º DN, totalizando um universo de 18 militares entrevistados. Dos entrevistados de cada navio, um deles teve a sua entrevista excluída da pesquisa, totalizando, três entrevistas excluídas, como recurso adicional na garantia do sigilo das informações.

Dos meios operativos utilizados para a pesquisa, foi excluído o Navio de Aviso de Patrulha Dourado, pelo fato de ser uma embarcação de pequeno porte e possuir uma tripulação reduzida, o que poderia comprometer o sigilo das informações colhidas. O fato de excluir esse meio operativo, não comprometeu a pesquisa, já que tínhamos dois Navios Patrulha da Classe Grajaú que poderiam ser utilizados (Navio Guaratuba e Navio Gravataí) e ambos possuírem um número superior de tripulantes, garantindo assim, o sigilo das informações. Portanto, durante a fase de coleta priorizou-se os Navios que não estavam em missões operativas no momento, sendo estes a Corveta Caboclo, o Navio Patrulha Gravataí e o Navio Varredor Araçatuba. A pesquisadora foi recebida em todos os navios pelo Comandante, que reunia a tripulação e apresentava o objetivo da pesquisa, reafirmando a importância da participação de todos.

Foram incluídos na pesquisa os militares voluntários que faziam parte da tripulação do navio, especialmente os envolvidos nas atividades operativas e manobras de navegação e que representassem os diferentes níveis hierárquicos. Não participaram da pesquisa os militares que possuíam vínculo temporário, mesmo que estivessem destacados nos navios citados. A amostra qualitativa prioriza os sujeitos que possuem os atributos que se deseja conhecer, considera que o tamanho da amostra é suficiente a partir da reincidência das informações, mas não despreza informações singulares. (MINAYO et al., 2005).

A pesquisa de campo seguiu duas etapas: a realização de entrevistas e a pesquisa documental na Divisão de Pessoal do próprio Navio, caso houvesse algum militar da tripulação que estivesse afastado por motivo de doença.

Os dados observados foram transcritos para um diário de campo e as informações contribuíram para a ampliação do tema no campo científico. A entrevista foi realizada através de um roteiro semiestruturado de perguntas abertas configuradas em quatro categorias, a saber: (a) informações pessoais e profissionais (identificação dos participantes, categoria funcional, especialidade, tempo de carreira e de embarque); (b) perfil socioeconômico (nível de instrução, configurações familiares e econômicas); (c) aspectos relacionados à satisfação no trabalho (expectativas com a profissão, condições de trabalho, relacionamentos interpessoais, dificuldades psicossociais e estratégias de enfrentamento); (d) aspectos relacionados à saúde e vida social (cuidado com a saúde física e mental, suporte social e

familiar, realização de atividades comunitárias e de lazer). As entrevistas foram gravadas em aparelho de áudio e transcritas na íntegra após o consentimento do militar.

Como esse estudo se propôs a compreender os impactos do confinamento na vida social desses militares, as interpretações foram realizadas a partir da escolha dos eixos temáticos para discussão nesse artigo, a qual derivou de recortes das narrativas sobre o confinamento em alto mar, as relações interpessoais e a vida social. Os significantes foram então destacados no texto e agrupados em categorias que revelaram similitudes entre os pesquisados.

Foi utilizado o método de abordagem e análise hermenêutica e dialética por entender que do ponto de vista do pensamento, ela faz a síntese dos processos compreensivos e críticos. (MINAYO, 2010). Ainda segundo Minayo (2010):

> Na sua articulação, a hermenêutica-dialética constitui um importante caminho do pensamento para fundamentar pesquisas qualitativas, cobrindo também uma quase ausência de pesquisas de fundamentação marxista que levem em conta a subjetividade. (MINAYO, 2010, p. 168).

Nessa perspectiva de combinações de oposições o método dialético tem como pressuposto o método hermenêutico, embora as duas concepções tenham sido desenvolvidas através de movimentos filosóficos diferentes. Assim, a hermenêutica e a dialética se mostram como momentos necessários da produção de racionalidade em relação aos processos sociais e em relação aos processos de saúde e doença (MINAYO, 2013).

Estes instrumentos foram aplicados após a autorização para realização da pesquisa pelo Comandante do Segundo Distrito Naval, pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Bahia sob o nº 840.619 e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido de cada participante. Foi garantido o sigilo absoluto aos entrevistados identificando as falas através do número do questionário e do Navio, sendo o Navio 1 a Corveta Caboclo, o Navio 2 o Navio Patrulha Gravataí e o Navio 3 o Navio Varredor Araçatuba. As diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde na sua Resolução 466/12 foram respeitadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a Lei 8.080/90 a saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio

ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais (BRASIL, 1990). Logo, as condições desfavoráveis de um desses fatores, como o trabalho e o lazer podem influenciar diretamente na manutenção da saúde.

Dessa forma, a hipótese que motivou este estudo é a de que existem impactos na vida social dos militares que trabalham embarcados em navios operativos da Marinha do Brasil. Observamos que a amostra qualitativa foi composta por 9 sargentos, 3 cabos e 3 oficiais. Quanto à especialidade, dos 3 oficiais, temos 2 especializados em máquinas e 1 armamentista. Em relação aos praças, temos 2 armamentistas, 2 escreventes, 2 especializados em manobras e reparos, 2 em motores, 1 em eletrônica, 1 operador de radar, 1 enfermeiro e 1 arrumador.

Em relação ao nível de instrução dos militares participantes da pesquisa: 12 militares da amostra qualitativa concluíram o Ensino Médio e apenas 3 militares apresentaram o Ensino Superior completo, dos que concluíram o Ensino Superior, todos são oficiais que se formaram na própria Força. No que tange a idade, os militares entrevistados apresentaram de 24 a 46 anos. Em relação ao tempo de carreira possuem de 6 a 29 anos e quanto ao tempo de embarque possuem de 2 a 23 anos.

Esse estudo tem por categorias de análise: 1. O confinamento em alto mar e o isolamento e 2. A identidade social e a chegada da aposentadoria.

1. O confinamento em alto mar e o isolamento

De acordo com o decreto nº 5.417 de 13 de abril de 2005, Art. 1°, a Marinha do Brasil (MB) é a instituição nacional permanente e regular, organizada com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, destinada à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem (BRASIL, 2005). Para cumprir essa missão, os navios realizam diversas operações para treinamento do seu pessoal. Além desses exercícios no mar, são contempladas ainda operações de caráter real, como: socorro e salvamento, patrulha naval, operações de paz da ONU (Organização das Nações Unidas), ações humanitárias, dentre outras. Desse modo, durante o período das operações no mar, esses militares passam muitos dias e até meses fora de casa e afastados da vida social mais ampla, em um regime de confinamento.

A Norma Regulamentadora nº 33 do Ministério do Trabalho e Emprego que discorre sobre a segurança e saúde nos trabalhos em espaços confinados define espaço confinado como:

> Qualquer área ou ambiente não projetado para ocupação humana contínua, que possua meios limitados de entrada e saída, cuja ventilação existente é insuficiente para remover contaminantes ou onde possa existir a deficiência ou enriquecimento de oxigênio (BRASIL, 2006).

Porém, cabe destacar que o confinamento que nos referimos neste estudo, não se refere ao espaço da embarcação, mas trata-se do ambiente organizacional onde os trabalhadores levam uma vida fechada, sem acesso a outros ambientes sociais por um determinado período. Para Goffman (1987) esse afastamento prolongado dos demais espaços sociais pode provocar o que o autor denominou de "destreinamento", ou seja, gera a percepção de "perdas dos papéis" sociais. Quando pedimos para os militares descreverem o que pensam sobre o confinamento a maioria apresentou um sentimento de perda de tempo e de vida e caracterizou como "ruim", "complicado", mas que é uma situação "adaptável", como podemos perceber na fala a seguir: "Eu estou há 23 anos confinado praticamente...Eu já acostumei... é uma vida...É muito difícil, penso que perdi muito tempo..." (Militar 3, Navio 2).

Outro fato observado é de que a não separação dos dias de trabalho e os dias de descanso em casa, permite que a grande maioria dos militares entrevistados afirme perder a noção do tempo quando estão embarcados, como na narração a seguir:

> Se eu lhe disser que já passei dois, três dias sem saber o que é a luz do sol, talvez você não acredite, mas é possível, você passar dias sem saber o que é a luz do sol. Você fica dentro do navio e o navio tem tudo, você não precisa sair pra nada. Em navios grandes acontece de você ficar dias sem ver a luz do sol. Você tem sua rotina, seu serviço, volta pro seu alojamento e fica sem ver a luz do sol... (Militar 1, Navio 2).

Outra afirmação muito citada é o fato de o tempo demorar a passar ou o dia parecer mais longo como comenta um militar: "Cada dia parece uma semana... A questão da ausência da família é ruim" (Militar 2, Navio 3).

Além da noção do tempo ser distinta dos trabalhadores comuns, sentem uma grande necessidade de serem mais presentes na vida da família quando estão em terra. Possuem o desejo de realizar várias atividades e compensar o tempo perdido, como podemos compreender nas falas a seguir:

> O confinamento é bom e é ruim. Quando tá confinado você dá mais valor ao que tá lá fora e quando você tá lá fora, você dá valor ao que tá aqui dentro. Às vezes no mar, eu fico ali na polpa do navio do nada, olhando pro mar e é bem pra refletir e não tem ninguém ali do lado. E quando chego de viagem, pego minha esposa, a gente sai pra jantar, a gente vai passear e não vira rotina. Acaba sendo uma coisa legal sabe... (Militar 2, Navio 1).

> Quando estou em casa eu procuro dar atenção, sair, conversar pra compensar... Em viagem a gente não pode ligar, tem comissão operativa que não pode ligar e também tem dias que não tem sinal o telefone. No dia do meu aniversário minha avó morreu e eu estava no mar também... Foi bom até eu não saber, pois é complicado... no mar a gente não tem o que fazer... às vezes é bom a gente nem saber (Militar 2, Navio 2).

Uma das principais dificuldades enfrentadas durante as comissões que apareceram nos discursos dos militares é a ausência da família. Muitos servidores da pátria narram com tristeza à perda de eventos familiares e sociais importantes:

> A minha ultima filha eu não vi nascer. Uma fez 18 anos eu estava viajando, a mais velha fez 15 anos e eu não estava em casa, a outra fez 15 anos dois anos atrás e eu não estava em casa. Hoje elas entendem, mas quando eram crianças não entendiam (Militar 2, Navio 2).

> Meus filhos são pequenos ainda. Eles não têm muito entendimento acerca do meu trabalho. A minha esposa o que ela mais reclama é da inconstância de rotina e das viagens, que apesar de dar o suporte financeiro, tem o afastamento de casa, que sempre causa transtorno (Militar 1, Navio 1).

Todos os militares entrevistados afirmaram que o relacionamento no navio é muito bom, porém alguns apontaram que durante o período de confinamento pode haver mudança no comportamento dos militares devido o aumento do ritmo de trabalho. Como podemos verificar na narração a seguir:

> Dentro do navio nós temos uma família. No mar o humor cai um pouco... Às vezes uma brincadeira que você faz no porto, no mar você não pode... Até porque no mar tem mais exigência. A escala é mais apertada... todo mundo a bordo suja-se mais e tem que limpar mais...e não pode jogar no mar, daí acumula...são muitas exigências (Militar 5, Navio 2).

Para Salles e Costa (2013) o trabalho em um ambiente confinado é compreendido pelos sujeitos como fonte de superação de desafios diários, tanto no que se refere à própria atividade quanto à rotina de isolamento pela qual eles passam. Dessa forma, percebemos que o trabalho confinado pode influenciar no comportamento e relacionamento da tripulação.

Essa convivência, no ambiente confinado, sob o ponto de vista da peculiaridade e da temporalidade remete ao conceito de instituição total adotado por Goffman (1987), a saber:

> Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. [...] Seu fechamento ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos (GOFFMAN, 1987, p. 11, 16).

Goffman (1987) em seu estudo relacionou as instituições totais em grupos distintos, tais como instituições que cuidam de pessoas incapazes, penitenciárias ou campos de concentração, pessoas que realizam alguma tarefa de trabalho em locais como quartéis, navios, escolas internas e por último, locais de formação para religiosos. A partir dessa caracterização observa-se que o trabalho dos militares embarcados se insere na descrição de instituição total, já que o trabalho é desenvolvido dentro de um navio, sem acesso ao mundo externo após o período trabalhado.

Esse sistema fechado detém o controle total da vida de seus membros durante o período de permanência nos mesmos, ou seja, nesses ambientes todos os aspectos da vida são desenvolvidos em um único local e submetidos a uma única autoridade. Não obstante, cada momento da vida diária é realizado em companhia de um grupo de pessoas e todas as atividades cotidianas obedecem a horários pré-determinados e a um sistema de regras (LEITE, 2009). No caso da Marinha do Brasil, o controle total é exercido pela rotina laboral do Navio, onde os toques dos apitos no fonoclama[10] sinalizam a hora de acordar (alvorada), os horários das refeições, as rendições de serviço, os exercícios reais e simulados no mar e os avisos de "reunir" para a tripulação receber as ordens do dia pelo comandante do Navio. Toda essa rotina é submetida à observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o organismo militar. Esse aspecto é bem conduzido por Leite (2009), quando sinaliza:

> O obstáculo que as instituições totais colocam entre os homens que habitam os seus espaços e o mundo externo assinala um primeiro corte que diferencia esse espaço institucional dos demais. Na vida civil em geral, tanto as rotinas diárias quanto os ciclos de vida não se tornam impeditivos para que um papel que o trabalhador desempenhe não obstrua sua efetividade e suas ligações em outro. No entanto nas instituições totais, a separação entre os dois mundos perturba a sequencia de papéis, pois essa situação pode perdurar por muitos anos. Mesmo quando retorne ao mundo civil e restabeleça alguns destes papéis, muitas dessas perdas, por vezes, são irrecuperáveis. (LEITE, 2009, p. 104).

Deste modo, percebemos que esses trabalhadores vivem em um estado de vigilância constante durante as viagens, pois estão mergulhados no ambiente de trabalho, mesmo no período de descanso. Pode-se dizer que o confinamento em alto mar provoca esse efeito totalizante descrito por Goffman (1987) em seu estudo, diante da distância da família, somados à ausência de um convívio social externo e uma rotina rígida formalmente administrada.

[10] Fonoclama é um equipamento de amplificação e distribuição do som utilizado na Marinha do Brasil, destinado a transmitir ordens verbais a bordo ou em terra. É também conhecido como "boca de ferro".

Dos 15 militares entrevistados somente quatro afirmaram possuir amigos fora do ambiente de Marinha. Nota-se que esses militares que ainda possuem vínculos afetivos fora do ambiente do trabalho têm menos tempo de carreira e embarque que os demais. Esse fato comprova que a rotina em uma instituição total dificulta a manutenção dos relacionamentos externos a esse meio, como afirma o militar:

> Tenho poucos amigos fora do ambiente de marinha... O militar se socializa com quem está ao lado dele. Nenhum professor fica trancado 20 dias dentro de uma escola, o militar da marinha fica no navio... Às vezes precisa dividir uma pasta de dente... Se ele fizer um churrasco ele vai chamar quem? A pessoa que ele conversou 20 minutos na lanchonete ou o amigo da Marinha... Claro que é o amigo da Marinha. (Militar 3, Navio 1)

É possível notar claramente nas falas o afastamento dos amigos de infância e o sofrimento gerado por essas perdas.

> Eu só tenho meus amigos aqui no Navio. Vida social é uma coisa difícil de lidar. A vinte e poucos anos atrás que eu entrei na Marinha eu tinha um monte de amigos. Hoje quando eu vou de férias pra minha cidade natal, Fortaleza, todo mundo que era meus amigos não são mais. O cara nem vai mais lá em casa, a gente fica lá um tempão, o cara não aparece, perde o contato...Quando eu servia aqui como MN (marinheiro) eu tinha um monte de amigos paisanos, mas perdi o contato. Eu atribuo isso a rotina de trabalho. A rotina de trabalho de navio é uma rotina imprevisível (Militar 2, Navio 2).

Um fato importante de se destacar é que em Distritos Navais fora da cidade do Rio de Janeiro, os militares podem de acordo com os critérios de elegibilidade e disponibilidade, residirem em Próprio Nacional Residencial (PNR) nas Vilas Navais. Sendo assim, o militar sai de sua Organização Militar no final do horário de expediente e vai para sua casa localizada muitas vezes dentro dos muros da própria base militar. Deste modo, esses trabalhadores não conseguem sair do ambiente de trabalho nem mesmo em seu descanso. Dessa forma, o convívio social acaba se resumindo aos amigos do trabalho, como podemos perceber na fala a seguir:

> Vida social a gente tem que ter amigos, principalmente de infância, a gente tem que ter proximidade de parentes, a gente não tem... Moro na vila, a maioria dos amigos são colegas de trabalho, a maioria dos amigos da minha esposa, são as esposas dos meus colegas de trabalho, mas é diferente de uma amizade que fazemos num bairro onde nascemos... Hoje a minha vida social é restrita a família. (Militar 5, Navio 2)

A convivência dos marinheiros, muitas vezes ultrapassa a fronteira do mar, uma vez que penetra na intimidade da vida privada, no período do descanso em casa. Castro (2007)

afirma em seu estudo sobre os militares que a interação social é endógena e estimulada tanto formalmente pela instituição através da organização de eventos de confraternizações ou pelos próprios militares ou familiares.

Portanto, levando em conta os aspectos avaliados nessa investigação, a pesquisa confirmou que os afastamentos prolongados do convívio com os familiares devido às viagens operativas, as ausências em eventos sociais domésticos simbolicamente importantes, bem como a escassa comunicação com o meio social mais amplo, que se caracteriza pela dificuldade em manter amigos de infância ou mesmo da aproximação com pessoas que não fazem parte do ambiente de Marinha, são características intrínsecas dos militares embarcados.

Logo, nota-se que a forma de se viver dentro da Instituição e fora dela marca a diferença entre esses militares e os demais trabalhadores que não exercem sua atividade laborativa no regime de confinamento, dentro de uma instituição total. Essa peculiaridade colabora para a construção de uma identidade social própria e uma ambivalência dos papéis desempenhados em cada momento da vida.

2. A identidade social e a chegada da aposentadoria

Percebe-se que as características encontradas em um grupo de militares são diferentes das atribuídas a outros grupos. Na psicologia social esse fenômeno é chamado de Identidade Social. Em um estudo pioneiro sobre essa temática Tajfel (1982) afirma que "a identidade social é parte do autoconceito do indivíduo que se deriva do conhecimento de seu pertencimento a um grupo (ou grupos) social com o significado valorativo e emocional associado a este pertencimento" (TAJFEL, 1982, p. 292). Um estudo mais recente de Vala (1997) informa que:

> A identidade social pode ser concebida como decorrendo da resposta que os indivíduos se dão à interrogação seguinte: "Quem sou eu?" [...] e é provável que parte da resposta a esta questão venha da associação entre o eu e diversas categorias sociais [...] Contudo, uma vez associado o eu à pertença a uma categoria ou grupo social, os indivíduos levantam uma nova questão: O que significa pertencer a este grupo? (VALA, 1997, p. 10).

Sabemos que nas diversas organizações militares existentes, criam-se vínculos, desenvolvem-se afetos, moldam-se hábitos, costumes peculiares e dialetos próprios, que dificilmente são esquecidos na vida fora da caserna. Ao narrar sobre as relações de amizade, um militar afirma que possui somente um amigo fora do ambiente de Marinha, porém ao descrever esse relacionamento ele conta que esse único amigo fazia parte da instituição,

contudo foi reformado[11] por causa de um problema de saúde. Nessa fala, ele toca em um ponto crucial dos impactos que essa condição pode proporcionar aos militares que deixam a farda por algum motivo, a sensação de perda da identidade. Vejamos:

> Eu tenho um amigo no Rio que era da Marinha também e teve uns problemas e saiu... Quando a gente servia na Fragata, nós trabalhávamos com solvente e não tinha o cuidado de colocar os EPI e ele ficou com leucemia. E ele ficou avariado, metade do corpo dele ficou paralisado. Amigo mesmo, ele é o único que eu considero. Ele é o único amigo que a gente está sempre se falando. São diversos fatores daquele que trabalha embarcado. Um deles é a perda da identidade. Pois o meio fica diferente quando a gente se afasta... Até hoje esse meu amigo continua conversando sobre os navios... Um dia ele me ligou chorando porque ele ficou sabendo que a Fragata Defensora iria dar baixa... A gente fica deslocado fora desse ambiente (Militar 2, Navio 2).

Se a aposentadoria pode proporcionar a sensação de perda da identidade pessoal para todos os tipos de trabalhadores, imaginemos os militares que prestam suas atividades laborativas em instituições totais e construíram suas relações sociais dentro dos muros de um quartel ou de um navio.

Na Marinha do Brasil, as manifestações essenciais do valor militar, como a defesa da pátria com o sacrifício da própria vida, estabelece uma idealização do servidor como um herói e essa representação se articula com os objetivos da instituição, como se estabelecesse uma única identidade. O sentimento de orgulho tem como ideia central uma representação que une esses trabalhadores. Todos estão juntos na mesma faina, no mesmo barco e apesar de todo cansaço, do esforço, do confinamento, das condições e jornada de trabalho conseguem alcançar o objetivo comum.

Estas maneiras de proceder coletivamente em meio às adversidades, podem lhes exigir criatividade, iniciativa e companheirismo e se caracterizar como fontes de prazer. A fala de um militar sobre a vida social restrita a Marinha revela a preocupação dele com o período da Reserva[12]:

> Eu acho que a única característica do militar da marinha seja diferente é que a vida social acaba se limitando as pessoas da marinha, talvez seja mais difícil ir para a reserva, pois você retoma uma vida social mais aberta. Como militar e devido ao confinamento dos navios e as forças armadas terem o seu linguajar próprio, o seu cotidiano próprio e a forma de viver próprias, a sua vida social acaba se limitando a

[11] A reforma é aplicada com base na condição de saúde do militar - Lei 6880/80, Art. 104 a 114. Os militares reformados estão dispensados, definitivamente, da prestação de serviço na ativa, mas continuam a perceber remuneração da União.

[12] A Reserva na Marinha é o conjunto dos militares da Reserva Remunerada e de cidadãos que cumpriram, na Marinha, os requisitos legais do Serviço Militar e os que deles foram dispensados, estando ainda sujeitos a convocações ou mobilizações, de acordo com a Lei 6880/80.

> 80% ser dentro do convívio de marinha, porque seus amigos onde estão? Dentro da Marinha... As pessoas que você pode conversar estão aonde? Dentro da Marinha... E você terá dificuldades com certeza na Reserva, pois você acaba se afastando dessas pessoas e precisa adquirir hábitos sociais diferentes com pessoas que jamais vão entender o confinamento dentro de um quarto 3x3. (Militar 3, Navio 1)

Além da perda da identidade, materializada na Marinha do Brasil pelo *status* social que o trabalho militar proporcionava, somado ao distanciamento da rede social do trabalho, a aposentadoria no imaginário social muitas vezes é associada a um emaranhado de preconceitos e estigmas sociais, pois é por meio do trabalho que as pessoas buscam saciar suas necessidades básicas e motivacionais. Como cita Zanelli e Silva (2008 apud ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010, p. 22):

> Em que pesem as mazelas e metamorfoses processadas na atualidade, o trabalho ocupa um inegável e largo espaço na constituição da existência humana. Insere-se entre as atividades mais importantes, constituindo fonte relevante de significados na constituição da vida humana associada. A ocupação de um ser humano, expressa por meio de suas atividades diárias, ao satisfazerem suas necessidades básicas e motivacionais, compõe elemento central do seu autoconceito, que se torna vital à construção de sua autoestima.

Nota-se que o isolamento em relação à vida civil aumenta à medida que a prática profissional se torna mais operativa e a perda do vínculo profissional pode influenciar na identidade pessoal, uma vez que a aposentadoria acarreta modificações nas relações instituídas entre indivíduo e a sociedade. Corroborando a este pressuposto, Rodrigues e colaboradores (2005) argumentam que além desses comprometimentos, a aposentadoria pode representar perdas materiais, psicológicas e sociais. Portanto, diante destas configurações, cabe refletir sobre a chegada à aposentadoria para esse grupo de militares que exercem sua atividade em regime de confinamento em navios, os mesmos poderão enfrentar diferentes realidades nesta fase da vida.

A imagem que o militar faz de si, a construção da sua identidade, é perpassada por um processo que referimos simbolicamente de “tirar a farda”. O simbolismo do uniforme que este militar deixará de usar faz com que ele se sinta estranho a esse espaço social, tendo dificuldade de se adaptar à nova rotina e à dinâmica familiar, muitas vezes preterida em função das exigências afetas ao trabalho. Nesse sentido, a aposentadoria pode representar um desafio ainda maior para esta classe de trabalhadores, Servidores da Pátria e também para a sua família, por ser um momento de profundas mudanças, que requer a construção de novos caminhos pessoais e profissionais.

Um militar quando se referiu à educação dos filhos narrou que sente falta de estar perto "para dar uma instrução necessária, para dar uma correção" (Militar 4, Navio 1). Fazendo uma analogia aos trabalhadores *offshore,* o estudo de Salles e Costa (2013) afirma que: "nos períodos de folga do trabalhador, o tempo de sua família é regido por horários que não são compartilhados com ele. Além disso, quem fica no lar precisa também se ocupar do papel de quem está fora" (SALLES e COSTA, 2013, p.238). Dessa forma, quando há o retorno definitivo ao lar, a troca de papéis não é facilmente restabelecida. Para Aragão e colaboradores (2008), após o término da carreira, as relações se limitam ao ambiente familiar, obrigando o indivíduo a criar novos mecanismos para reinserção familiar que implica em distribuição do espaço doméstico, assim como o estabelecimento de um novo equilíbrio da dinâmica familiar. O retorno definitivo para casa, que já possui uma dinâmica própria, pode trazer consequências no âmbito das relações intrafamiliares.

Dentro da instituição já existe uma preocupação dos Núcleos de Assistência Integrada com a passagem dos militares para a reserva remunerada. As diretrizes da Política de Assistência Social das Forças Armadas e os Programas e Normas contidos na publicação da Diretoria-Geral do Pessoal da Marinha – DGPM-501 (5ª Revisão)[13] orientam para a implementação de projetos voltados para esse público alvo. Os projetos buscam minimizar os impactos ocasionados pela alteração do estilo de vida por conta da reserva/aposentadoria, através de atividades de cunho socioeducativo e reflexivo.

Além disso, a DASM (Diretoria de Assistência Social da Marinha) incentiva à promoção de projetos voltados aos militares que já estão na reserva/aposentadoria, com a intenção de fazê-los se sentirem vinculados a um grupo. Esses projetos se operacionalizam através de encontros e visitas as Organizações militares da Marinha de todo o Brasil.

Essa pesquisa revelou que o trabalho em navios da Marinha do Brasil ocupa um importante espaço na vida dos militares e de suas famílias e que a identidade desses trabalhadores é construída a partir do pertencimento a esse grupo. Zanelli, Silva e Soares (2010) informam que a pessoa pode considerar-se mais ou menos importante dependendo de seu papel profissional e do poder e prestígio que dele advém e por meio do desempenho desses papéis as pessoas constroem suas identidades.

[13] Publicação que rege a intervenção dos profissionais que compõem os Núcleos de Assistência Integrada ao Pessoal da Marinha. Este serviço tem por objetivo atender as demandas dos militares da ativa, servidores civis e seus dependentes nas áreas de Serviço Social, Psicologia e Direito, bem como tem por proposta desenvolver atividades integradas a estas disciplinas.

Desse modo, constatou-se que o momento da aposentadoria tem notável relevância para esses servidores, surgindo temores ligados ao isolamento e inutilidade. Trata-se de um momento subjetivo que envolve crenças e histórias de vidas distintas. Esse estudo reforça a importância dos projetos voltados à preparação para a reserva/aposentadoria, pois esse período de transição requer a criação de um rito de passagem para o militar e sua família, com acompanhamento de profissionais especializados como psicólogos e assistentes sociais, de modo a estimular uma transição saudável, por meio do auxílio na elaboração de projetos de vida, de modo a minimizar ou prevenir o aparecimento de dificuldades psicossociais. Além disso, os projetos associados a vivências grupais e culturais desenvolvidos para o militar que já está na reserva/aposentadoria pode estimular novas possibilidades de integração, criando condições para o participante encontrar alternativas de amizades compatíveis com seus interesses pessoais nessa fase da vida.

CONCLUSÕES

O trabalhador, dotado de sua história de vida e de sua subjetividade muitas vezes encontra-se prisioneiro de um regime de efeito totalizante, sem mesmo notar. Longe da terra, da família, da sua rede social mais ampla, não somente trabalha na Marinha do Brasil, porém a sua identidade se confunde com a da própria instituição. Desse modo, quando atingir o momento de "retirar a farda" e ao prestar sua última continência à Bandeira do Brasil para retornar ao mundo civil, encontrará muitos desafios pela frente. Desafios esses que são inerentes ao confinamento e ao isolamento que viveu durante os 30 anos de serviço à Nação.

Esses militares apesar da dedicação exclusiva ao serviço à Pátria, ainda tem o trabalho invisível aos não conhecedores dessa realidade. Esse fato causa um espaço ainda maior entre esses dois mundos, dificultando a aproximação e o vínculo de amizades fora do ambiente institucional. Amizades duradouras são construídas em meio a adversidades dentro de um espaço cheio de regras, valores e tradições próprias. O sentido literal da palavra "servir" é contado através dos relatos de vida e das experiências das operações em alto mar.

O tempo dos militares embarcados é determinado pelas escalas de serviço, pelas comissões operativas ou pelo acionamento para os salvamentos de pessoas ou embarcações no mar. Desse modo, muitas vezes não lhe é permitido planejar viagens, participar de comemorações e eventos sociais. O sonho inicial de desbravar o oceano, com o passar dos anos é fragmentado pelo cansaço e o conflito entre o mar e a terra. Projetos são postergados e

acontecimentos não são vividos dentro da contradição entre o papel do homem do mar ou do pai, marido, amigo ou filho presente.

Portanto, esse estudo trouxe importantes contribuições no sentido de fundamentar que a hipótese apresentada para a investigação tem consonância com a realidade e que o processo de trabalho em navios operativos da Marinha do Brasil causa impactos na vida social de seus militares. A pesquisa apontou ainda que esse fato pode trazer prejuízos como a perda da identidade social, o isolamento e o sentimento de inutilidade num período sensível de suas vidas, a aposentadoria, onde retornarão a convivência mais intensa com a família e a sociedade mais ampla.

Dessa forma, acredita-se que a identidade desses trabalhadores, mediada pelo cotidiano do confinamento será preservada pela memória, mesmo com o afastamento do mundo do trabalho. É importante compreendermos que esses militares estão inseridos em um contexto que caracteriza o trabalho como uma missão e exalta o ato de trabalhar, lhe conferindo significância social. Esse fato traz ainda mais valor e carga afetiva para a atividade laboral.

Esse estudo sustenta a importância de propostas que legitimem a manutenção/promoção da saúde do trabalhador, sem deixar de considerar as peculiaridades da vida e trabalho dos "homens do mar". Acredita-se que a discussão das questões levantadas, principalmente pelos profissionais que atuam na Marinha do Brasil nos Núcleos de Assistência Integrada, com a participação dos militares e seus familiares, poderá contribuir para o planejamento, execução e aprimoramento de projetos voltados ao pessoal embarcado.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO et al. **Reserva com Qualidade**. In: Anais do II Encontro das Forças Armadas. Ministério da Defesa. Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde**. Resolução CNS 466/12.** Brasília, DF 2012.

_____. **Decreto nº 5.417**, de 13 de abril de 2005. Dispõe sobre a Estrutura Regimental do Comando da Marinha. Brasília, DF, 2005.

_____. Diretoria-Geral do Pessoal da Marinha. **Normas sobre a Assistência Integrada na Marinha do Brasil – DGPM-501**. 5ª Rev. Mod. 2. Rio de Janeiro: DASM, 2010.

_____. **Lei nº 6.880,** de 9 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. Brasília, DF, 1980.

_____. **Lei n º 8.080**, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Norma Regulamentadora N° 33 – Segurança e Saúde nos trabalhos em espaços confinados**. Portaria MTE n.º 202, de 22 de dezembro de 2006. . Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 27 dez. 2006. Acesso em 25 mar. 2015. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/legislacao/normas-regulamentadoras-1.htm>.

CASTRO, Celso. **Goffman e os militares: sobre o conceito de instituição total.** Militares e Política, v. 1, 2007.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GUIA DE GUERRA NAVAL. Página sobre tecnologia militar. Versão criada em 09/10/2000. Disponível em: <http://www.oocities.org/guerraaeronaval> Acesso em: 19 mar. 2014.

LINS, Mônica Regina Ferreira. **Viveiros de "homens do mar": escolas de aprendizes-marinheiros e as experiências formativas na marinha militar do Rio de Janeiro**. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2012.

LEITE, R. M. S. C. **Bandeirantes do mar: a identidade dos trabalhadores das plataformas de petróleo**. Niterói: Intertexto, 2009.

LIMONGE-FRANÇA, A. C. **Qualidade de vida no trabalho – QVT: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARINHA DO BRASIL. Comando do 2º Distrito Naval. **Estrutura organizacional**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br>. Acesso em: 1º jan. 2014.

MARINHA DO BRASIL. Comando do 2º Distrito Naval. **Histórico do Comando do 2º Distrito Naval**. Brasília, 2013. Disponível em:<https://www.marinha.mil.br> Acesso em: 20 dez. 2013.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. Hermenêutica: dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza de; DESLANDES, Suely Ferreira (Org). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013. p. 83-107.

MINAYO, Maria Cecília Souza de (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília Souza: ASSIS, S.G.: SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Revista Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 5, n. 1, 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Mar. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilza Ramos de. (Orgs.). **Missão investigar: Entre o ideal e a realidade de ser policial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

RODRIGUES, M. AYABE, N. H., LUNARDELLI, M. C. F. CANÊO, L. C. A Preparação para a Aposentadoria: O Papel do Psicólogo frente a essa Questão.**Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 6 (1), p. 53 – 62, 2005.

SALLES, Denise Medeiros Ribeiro, COSTA, Isabel de Sá Affonso da. Representações do trabalho: estudo sobre confinamento na indústria petrolífera **. Revista Administração de empresas,** vol.53, n.3, p. 230-242, 2013. ISSN 0034-7590. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/rae/v53n3/02.pdf> Acesso em 17 de mar. 2013.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais** (Vol. II). Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

VALA, Jorge. Representações sociais e percepções intergrupais. **Revista Análise Social**. vol.32 (140).p.7-29, 1997. Disponível em: < http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221840494M6zFQ7xv9Rd55BV5.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2105.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das narrativas conduzidas a partir da abordagem qualitativa, histórias de vida singulares foram apreendidas sugerindo impressões significativas da representação social da Marinha na vida desses militares. Buscamos ouvir as vozes desses sujeitos que nem sempre conseguem se expressar no ambiente de trabalho, este sob os traços de uma gestão militar que possui a hierarquia e disciplina como a base institucional.

O estudo revelou importantes impactos na saúde dos militares que servem embarcados. Dentre as dificuldades apresentadas as que mais se destacaram foram os sintomas da cinetose e o mal do desembarque devido às condições do mar. A pesquisa aponta a necessidade da inclusão da cinetose e do mal do desembarque como doenças profissionais dos militares que trabalham embarcados na Marinha do Brasil, com intuito de promover ações voltadas à prevenção, rastreamento e diagnóstico precoce dos agravos à saúde relacionados ao trabalho. Em relação ao acometimento de doenças, dos 15 militares entrevistados 2 relataram ter perda de audição, 2 possuir hérnias de disco e 2 ter distúrbios musculoesqueléticos. Além desse grupo, somente em um navio identificou-se quatro militares que precisaram se afastar das atividades operativas por comprometimento da saúde mental, destacando-se os episódios depressivos e os transtornos mentais e comportamentais devido ao uso do álcool. A pesquisa apontou que o confinamento em alto mar pode trazer prejuízos como a perda da identidade social, o isolamento e o sentimento de inutilidade num período sensível de suas vidas, a aposentadoria, onde retornarão a convivência mais intensa com a família e a sociedade mais ampla.

Portanto, podemos afirmar que alcançamos o nosso objetivo, pois o resultado do estudo realizado nos forneceu dados importantes para a compreensão daquilo que nos inquietava, ou seja, o desejo de saber se o processo de trabalho dos militares que servem a bordo de navios operativos da Marinha do Brasil causa impactos na saúde e vida social. Esse estudo fundamentou que a hipótese apresentada para investigação tem consonância com a realidade e os dados apresentados nessa dissertação sugerem o investimento por parte da Marinha do Brasil na promoção e prevenção da saúde de seus trabalhadores, em decorrência das peculiaridades ambientais e a exposição a agentes químicos, físicos, biológicos e ergonômicos inerentes às atividades desenvolvidas.

Destarte, acredita-se que o presente trabalho pode colaborar para ampliação dos estudos relacionados às exposições ocupacionais e aos fatores de risco à saúde dos militares embarcados na Marinha do Brasil, como também despertar um debate tanto no âmbito

acadêmico quanto organizacional, sobretudo levando-se em conta os impactos na saúde e vida social desses marinheiros.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Leila Milman et al . Enfermagem operativa: uma nova perspectiva para o cuidado em situações de "crash". **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 13, n. 3, jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 nov. 2014.

ALMEIDA, Sílvia Capanema P. de. Corpo, saúde e alimentação na Marinha de Guerra brasileira no período pós-abolição, 1890-1910. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, supl.1, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702012000500002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1º mar. 2014.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 7. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

ARAGÃO et al. **Reserva com Qualidade**. In: Anais do II Encontro das Forças Armadas. Ministério da Defesa. Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **Normas sobre Treinamento Físico Militar, teste de avaliação física e teste de suficiência física – CGCFN -15**. Rio de Janeiro: CGCFN, 2009.

_____. Conselho Nacional de Saúde**. Resolução CNS 466/12.** Brasília, DF 2012.

_____. **Decreto nº 5.417**, de 13 de abril de 2005. Dispõe sobre a Estrutura Regimental do Comando da Marinha. Brasília, DF, 2005.

_____. Diretoria-Geral do Pessoal da Marinha. **Normas Reguladoras para inspeções de saúde na Marinha do Brasil – DGPM-406.** 5ª Rev. Rio de Janeiro: DSM, 2012.

_____. Diretoria-Geral do Pessoal da Marinha. **Normas sobre a Assistência Integrada na Marinha do Brasil – DGPM-501**. 5ª Rev. Mod. 2. Rio de Janeiro: DASM, 2010.

_____. Diretoria de Saúde da Marinha. **Manual para Aplicação dos Programas de Saúde da Marinha – DSM-1001**. Rio de Janeiro: DSM, 2009.

_____. Diretoria de Saúde da Marinha. **Manual sobre prevenção de perda auditiva induzida por ruído e instruções para levantamento das áreas de ruído na Marinha do**

Brasil – DSM- 4001. Rio de Janeiro: DSM, 2006.

_____. **Lei n. 6.880,** de 9 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. Brasília, DF, 1980.

_____. **Medida Provisória nº 2.215-10**, de 31 de agosto de 2001. Dispõe sobre a reestruturação da Remuneração dos Militares das Forças Armadas. Brasília, DF, 2001.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Norma Regulamentadora Nº 15 - Atividades e Operações Insalubres.** Portaria MTB n.º 3214**,** de 08 de junho de 1978. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 6 jul. 1978. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/legislacao/normas-regulamentadoras-1.htm>. Acesso em: 24 mar. 2014.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Norma Regulamentadora N° 33 – Segurança e Saúde nos trabalhos em espaços confinados**. Portaria MTE n.º 202, de 22 de dezembro de 2006. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 27 dez. 2006. Acesso em 25 mar. 2015. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/legislacao/normas-regulamentadoras-1.htm>.

CARVALHO, Milena Maciel de. **Vida e trabalho de marítimos embarcados do setor offshore**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro.

CASTRO, Celso. **Goffman e os militares: sobre o conceito de instituição total.** Militares e Política, v. 1, 2007.

COSTA, Filipe Ferreira da et al . Combinação de fatores de risco relacionados à síndrome metabólica em militares da Marinha do Brasil. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, São Paulo, v. 97, n. 6, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2011001500008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de jul. 2014.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELLI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho – contribuições da escola dejouriana à análise de prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

ESHER, A. F. S. C. **AIDS na Marinha: vivendo o fim de uma carreira.** 1999. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FRUTUOSO, R.A.M. **Beribéri: revisão histórica e documental na Marinha do Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Brasileiro Médico Naval, 2010.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GUIA DE GUERRA NAVAL. Página sobre tecnologia militar. Versão criada em 09/10/2000. Disponível em: <http://www.oocities.org/guerraaeronaval> Acesso em: 19 mar. 2014.

HALPERN, Elizabeth Espindola; FERREIRA, Salette Maria Barros; SILVA FILHO, João Ferreira da. Os efeitos das situações de trabalho na construção do alcoolismo de pacientes militares da marinha do Brasil. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 11, n. 2, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 ago. 2013.

HALPERN, Elizabeth Espindola; LEITE, Ligia Costa**.** A construção do habitus alcoólico e o consumo de bebidas alcoólicas no trabalho entre pacientes militares da Marinha do Brasil. **Caderno de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.19, n. 3, 2011.

_____. Decifrando os significados dos comportamentos etílicos navais de pacientes militares. **Boletim de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.61, n.135, p.177-191, 2011.

_____. Etilismo na jornada laboral: peculiaridades da vida naval. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 1, 2014.

_____. A farda "siri cozido" e a "branquinha": narrativas de vida de um paciente militar alcoolista. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 65-80, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/49622>. Acesso em: 15 Jul. 2014.

_____. A interseção entre os trabalhos marinheiros e o alcoolismo. **Revista Psicologia, Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2013.

_____. Lei seca no mar: desafios preventivos na Marinha do Brasil. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jul. 2013.

_____. Oportunidades de beber a bordo: características do labor naval. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, 2013.

_____. Representações de adoecimento e cura de pacientes do Centro de Dependência Química do Hospital Central da Marinha. Revista **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000400029&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jul. 2014.

IZECKSOHN, Leonardo. Moléstias incapacitantes dos militares da ativa na Marinha brasileira. **Arquivo Brasileiro Médico Naval**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 249-58, 1986.

LINS, Mônica Regina Ferreira. **Viveiros de "homens do mar": escolas de aprendizes-marinheiros e as experiências formativas na marinha militar do Rio de Janeiro**. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

LEITE, R. M. S. C. **Bandeirantes do mar: a identidade dos trabalhadores das plataformas de petróleo**. Niterói: Intertexto, 2009.

LIMONGE-FRANÇA, A. C. **Qualidade de vida no trabalho – QVT: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMONGI-FRANÇA, A. C; RODRIGUES, A. L.. **Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática.** 4. ed**.** São Paulo: Atlas, 2007.

MACÊDO, K.B; FLEURY, A. RD. O mal estar docente para além da modernidade: uma análise psicodinâmica. **Revista AMAzônica**, Manaus, ano 5, v, 9, n. 2, p. 217-238, 2012.

MARINHA DO BRASIL. Comando do 2º Distrito Naval. **Estrutura organizacional**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br>. Acesso em: 1º jan. 2014.

MARINHA DO BRASIL. Comando do 2º Distrito Naval. **Histórico do Comando do 2º Distrito Naval**. Brasília, 2013. Disponível em:<https://www.marinha.mil.br> Acesso em: 20 dez. 2013.

MENDES. A.M; MARRONE, C.F. Vivências de prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In: MENDES, A.M; BORGES, L.O; FERREIRA, M.C. (Org). **Trabalho em transição, saúde em risco**. p.26-42 Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. Hermenêutica: dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza de; DESLANDES, Suely Ferreira (Org). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013. p. 83-107.

MINAYO, Maria Cecília Souza de (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO-GOMES, C; THEDIM-COSTA, S. M.F. **A construção do campo da Saúde do Trabalhador**: percurso e dilemas. Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1997.

MINAYO, Maria Cecília Souza: ASSIS, S.G.: SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Revista Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 5, n. 1, 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 mar. 2015.

RAMAZZINI, Bernardino. **As doenças dos trabalhadores**. 3. ed. São Paulo: Fundacentro, 2000.

ROBERTS, S.E.; MARLOW, P. B. Traumatic work related mortality among seafarers employed in British merchant shipping, 1976-2002. **Occupational and Environmental Medicine**, London, v. 62, p. 172-180, 2005. doi:10.1136/oem.2003.012377.

ROCHA, Claudia Maria Quintanilha; LOURENÇO, Rita de Cássia; PEREIRA, Hugo Cataud; MENDES, Leonardo, LACERDA, Karla. Surto de shigelose em missão operativa da Marinha do Brasil**. Arq. Brasileiro de Medicina Naval**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, 151-158, 1990.

ROCHA, C. S.; FRITSCH, R. Qualidade de vida no trabalho e ergonomia: conceitos e práticas complementares**. Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 69, p. 53-72, 2002.

RODRIGUES, M; AYABE, N. H; LUNARDELLI, M. C. F; CANÊO, L. C. **A Preparação para a Aposentadoria: O Papel do Psicólogo frente a essa Questão**.Revista Brasileira de Orientação Profissional, 6 (1), p. 53 – 62, 2005.

ROSA, Alexandre Reis; BRITO, Mozar José de. Corpo e alma nas organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 14, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552010000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar.2014.

SALLES, Denise Medeiros Ribeiro, COSTA, Isabel de Sá Affonso da. Representações do trabalho: estudo sobre confinamento na indústria petrolífera **. Revista Administração de empresas,** vol.53, n.3, p. 230-242, 2013. ISSN 0034-7590. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/rae/v53n3/02.pdf> Acesso em: 17 mar. 2013.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Marlene; SANTANA, Vilma; DOURADO, Inês. **Military rank and AIDS proportionate mortality in the Brazilian Navy**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, V. 23, n.2, 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-.311X2007000200018&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 17 jul 2013.

SILVA, Marlene; SANTANA, Vilma Sousa. Ocupação e mortalidade na Marinha do Brasil. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n. 5, 2004. Disponível em:<http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102004000500014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1º abr. 2014.

SILVA, Marlene; SANTANA, Vilma S; LOOMIS, Dana. Mortalidade por câncer em militares da Marinha do Brasil. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 4, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102000000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jul. 2013.

TAMAYO, A. **Estresse e cultura organizacional**. São Paulo: Casa do Psicólogo; All Books, 2008.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais** (Vol. II). Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

VALA, Jorge. Representações sociais e percepções intergrupais. **Revista Análise Social**. v.32 (140).p.7-29, 1997. Disponível em: < http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221840494M6zFQ7xv9Rd55BV5.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2105.

ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

MILHAS E MILHAS DISTANTE... UM ESTUDO SOBRE A SAÚDE DO TRABALHADOR MILITAR EMBARCADO EM NAVIOS OPERATIVOS DA MARINHA DO BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre a saúde do militar embarcado em navios operativos da Marinha do Brasil, cujo objetivo é analisar as características e particularidades da organização do trabalho na Marinha do Brasil, o exercício profissional em embarcações em alto mar, e, sobretudo levando-se em conta os impactos na saúde e vida social desses trabalhadores. A instituição responsável pela pesquisa é a Universidade Federal da Bahia, através do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina. A entrevistadora, Ana Carolina Nascimento de Albuquerque Ramos é mestranda sob orientação do prof. Dr. Paulo Gilvane Lopes Pena. Sua participação na pesquisa é voluntária, ou seja, você só participa se e enquanto quiser. Se você não quiser participar, não haverá quaisquer desconfortos ou interferências em seu trabalho, área de atuação, inclusive na relação com a pesquisadora ou a instituição. Você terá a liberdade de desistir a qualquer momento ao longo da pesquisa, sem prejuízo algum ao seu cuidado, conforme resolução do Conselho Nacional de Saúde (Resolução 466/12). Você responderá a uma entrevista, no local que melhor lhe convier, acerca do objeto do estudo.

Os riscos decorrentes da sua participação nesta pesquisa podem ser constrangimento, desconforto ou incômodo ao compartilhar informações pessoais ou algo que lhe traga sofrimento. Caso isso aconteça, deixo claro que não precisa responder o que foi perguntado. Suas respostas serão confidenciais, ou seja, somente você e os pesquisadores terão acesso a elas. Os resultados deste estudo ajudarão a compreender os impactos na saúde e vida social do processo de trabalho em navios operativos da Marinha do Brasil, como também as motivações e estratégias individuais pra lidar com as dificuldades. A entrevista será efetuada pela própria pesquisadora e gravada em um aparelho de áudio caso concorde, e para isso, solicitamos a sua autorização. As observações que se fizerem necessárias nesse contexto serão realizadas em

um caderno específico do estudo. Você poderá ter acesso, a qualquer tempo, às informações relacionadas à pesquisa, e se for o seu desejo, poderá solicitar revisão do texto de transcrição das suas falas, bem como esclarecer quaisquer dúvidas entrando em contato com a pesquisadora Ana Carolina Nascimento de Albuquerque Ramos por meio do telefone (71) 3283-5573 e e-mail: carol_phn@hotmail.com; ou com o orientador Prof. Dr. Paulo Pena através do telefone (71) 3283-5573 e e-mail: pena@ufba.br. Suas respostas serão confidenciais e somente você e os pesquisadores terão acesso a elas. Seu nome não será identificado em nenhum de nossos relatórios ou publicações que resultarão deste estudo, sendo para este fim utilizado um nome fictício. Você não será responsabilizado por nenhum custo relacionado à pesquisa e também não receberá nenhuma remuneração para participar da pesquisa. Se você necessitar de algum tipo de avaliação ou cuidados de saúde, a pesquisadora poderá lhe fornecer informações de como recorrer aos serviços de saúde da Marinha do Brasil. As transcrições e gravações decorrentes dessa pesquisa ficarão arquivadas por 05 (cinco) anos na sala do pesquisador Dr. Paulo Gilvane Lopes Pena, localizada na sede do Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Bahia. O material será triturado após este período, garantindo o sigilo e a privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa. Este estudo foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Bahia, cujo contato é através do telefone (71) 3283-5564. Caso você concorde em participar da pesquisa, por favor, assine esse termo que tem duas vias, uma sua e outra da pesquisadora.

_____ Data ____/____/_____

Assinatura do participante

_____ Data ___/____/_____

Assinatura da pesquisadora assistente

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

INFORMAÇÕES PESSOAIS E PROFISSIONAIS

1. Posto/Graduação:
2. Especialidade:
3. Idade:
4. Tempo de carreira:
5. Tempo de embarque:
6. Nível de Instrução:
7. Qual é o seu estado civil?
8. Tem filhos? Quantos? Qual a idade dos filhos?
9. Quantas pessoas residem com você?

PERFIL SOCIOECONÔMICO

10. Quantos contribuem com a renda familiar?
11. Possui casa própria?
12. Meio de transporte utilizado para ir trabalhar

ASPECTOS RELACIONADOS À SATISFAÇÃO NO TRABALHO

13. Por que você escolheu a Marinha?
14. Quais são os fatores motivacionais que contribuíram para a escolha de trabalhar embarcado?
15. Qual era sua expectativa em relação ao trabalho na Marinha quando você estava no curso de formação?
16. Você se sente realizado em relação a sua expectativa inicial?
17. Qual a sua função no navio?
18. Possui algum encargo colateral?
19. Principais atividades de trabalho que realiza com o navio navegando
20. Horas de trabalho diário (navio atracado e navio navegando)
21. Escala de serviço com o navio atracado e escala de serviço com o navio navegando
22. Como se deu o período de adaptação ao trabalho embarcado?
23. Você está satisfeito com o seu trabalho hoje?
24. Como você define o trabalho que realiza?

ASPECTOS RELACIONADOS À SAÚDE E VIDA SOCIAL

25. Quais são as principais dificuldades que você enfrenta durante as comissões?
26. Que recursos você utiliza para lidar com as dificuldades vivenciadas durante as comissões?
27. Como você avalia o relacionamento entre os militares da tripulação durante as comissões?
28. Como sua família lida com esse tipo de trabalho?
29. O que pensa sobre o confinamento?
30. Como você avalia a sua vida social?
31. Quais são as principais atividades que gosta de fazer nas horas de lazer fora do trabalho?

32. Você possui amigos fora do ambiente de marinha?
33. Como define saúde?
34. Como você avalia sua saúde física e mental?
35. Pontos positivos do trabalho na Marinha do Brasil em relação aos cuidados com a saúde
36. Pontos negativos do trabalho na Marinha do Brasil em relação aos cuidados com a saúde
37. Você pratica exercícios físicos? Por quê?
38. Você vai ao médico periodicamente? Por quê?
39. Possui alguma doença?
40. Já teve algum afastamento por causa de doença? Qual o período e qual a doença?
41. Como se sente um dia antes de embarcar nas comissões?
42. Como se sente durante as comissões?
43. O que faz nas horas vagas durante as comissões?

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA DA UFBA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MILHAS E MILHAS DISTANTE... UM ESTUDO SOBRE A SAÚDE DO TRABALHADOR MILITAR EMBARCADO EM NAVIOS OPERATIVOS DA MARINHA

Pesquisador: Paulo Gilvane Lopes Pena

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 34767314.3.0000.5577

Instituição Proponente: FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 840.619

Data da Relatoria: 02/11/2014

Apresentação do Projeto:

o investigador exclui de investigação a embarcação de pequeno porte que mostrava fragilidade na confidencialidade da informação e problemas com a proteção ao participante da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

não mudam.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

os participantes da pesquisa estão com o risco diminuido com a medida de exclusão da embarcação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não mudam.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

não mudam.

Recomendações:

não há.

Endereço: Largo do Terreiro de Jesus, s/n
Bairro: PELOURINHO **CEP:** 40.026-010
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-5564 **Fax:** (71)3283-5567 **E-mail:** cepfmb@ufba.br

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

não há.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SALVADOR, 21 de Outubro de 2014

Assinado por:
Eduardo Martins Netto
(Coordenador)

Endereço: Largo do Terreiro de Jesus, s/n
Bairro: PELOURINHO **CEP:** 40.026-010
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-5564 **Fax:** (71)3283-5567 **E-mail:** cepfmb@ufba.br

ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA DO COMANDANTE DO 2º DISTRITO NAVAL

LANÇADO EM

Exmo. Sr. Comandante do 2º Distrito Naval

DEFERIDO, de acordo com o contido no inciso 10.3.1 da DGPM-101 (6ª Revisão).

Salvador-BA, 25 de março de 2014.

ANTÔNIO FERNANDO MONTEIRO DIAS
Vice-Almirante
Comandante

ANTONIO CARLOS BARCOSA NARDINI LIMA
Capitão-de-Mar-e-Guerra (MD)
Diretor

ANA CAROLINA NASCIMENTO DE ALBUQUERQUE RAMOS, 1º Ten (RM2-T), servindo presentemente no Hospital Naval de Salvador, requer a V. Exa. que se digne autorizar a realização da pesquisa intitulada "Milhas e milhas distante... Um estudo sobre a saúde do trabalhador militar embarcado em navios operativos da Marinha do Brasil", de sua própria autoria, no ambiente desta instituição.

Ressalta-se que esta pesquisa se coaduna com o item 3.4, alínea g do Capítulo 3 da Norma sobre Assistência Integrada na Marinha do Brasil – DGPM – 501 (5ª Revisão) e com o Capítulo 14 do Manual para Aplicação dos Programas de Saúde da Marinha do Brasil – DSM – 1001 (2ª Revisão).

Participo que encontra-se em anexo o Ofício do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho, da Faculdade de Medicina da UFBA, contendo o resumo do Projeto de Pesquisa e a carta de anuência.

Nestes termos, pede deferimento.

Salvador, BA, em 23 de janeiro de 2014.

Ana Carolina Nascimento de A. Ramos.
ANA CAROLINA N. DE ALBUQUERQUE RAMOS
1º Ten (RM2-T)
Encarregada do Serviço Social do HNSa

CARTA DE ANUÊNCIA

Pelo presente, (assinalar com um "X")
CONCORDO (X)
NÃO CONCORDO ( )
com a realização da pesquisa intitulada "**Milhas e milhas distante...Um estudo sobre a saúde do trabalhador militar embarcado em navios operativos da Marinha do Brasil**", conforme ofício PPGSAT nº90/2014, encaminhando o resumo da pesquisa da mestranda Ana Carolina Nascimento de Albuquerque Ramos , aluna do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho, da Faculdade de Medicina da Bahia - UFBA.

Salvador, 25 de MARÇO de 2014.

Instituição: MARINHA DO BRASIL - COMANDO 2º DISTRITO NAVAL
CNPJ: 00394502002783
Nome do responsável: PAULO CEZAR SOARES PINHEIRO
RG( )/CPF(X) : 905.644.727-00

Carimbo da Instituição ou órgão
com assinatura do responsável:

PAULO CEZAR SOARES PINHEIRO
Capitão-de-Mar-e-Guerra
Chefe do Estado-Maior

COMANDO DO 2º DISTRITO NAVAL

1ª via - Instituição